



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Psicologia

Lívia Maria Bione Gomes Vieira

**Psicoterapia, uma “estrela solitária”? Outras versões dessa prática
sob o enfoque da Teoria ator-rede**

Rio de Janeiro

2022

Lívia Maria Bione Gomes Vieira

Psicoterapia, uma “estrela solitária”? Outras versões dessa prática sob o enfoque da Teoria ator-rede

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História, Imaginário Social, Cultura.

Orientador (a): Prof.^a Dra Laura Cristina de Toledo Quadros

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

V658 Vieira, Lívia Maria Bione Gomes.
 Psicoterapia, uma “estrela solitária? Outras versões dessa prática sob
 o enfoque da Teoria ator-rede/ Lívia Maria Bione Gomes Vieira. – 2022.
 91 f.

 Orientadora: Laura Cristina de Toledo Quadros.
 Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
 Instituto de Psicologia.

 1. Psicoterapia – Teses. 2. Prática clínica – Teses. 3. Solidão –
 Teses. I. Quadros, Laura Cristina de Toledo. II. Universidade do Estado
 do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

bs

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Lívia Maria Bione Gomes Vieira

Psicoterapia, uma “estrela solitária”? Outras versões dessa prática sob o enfoque da Teoria ator-rede

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História, Imaginário Social, Cultura..

Aprovada em 01 de julho de 2022

Banca Examinadora:

Dr^a. Laura Cristina de Toledo Quadros (Orientadora)
Instituto de Psicologia - UERJ

Dr^a. Eleonôra Torres Prestrelo
Instituto de Psicologia - UERJ

Dr^a. Eliane Caldas do Nascimento Oliveira
Fundação Oswaldo Cruz – “Fiocruz”

Dr^a. Diana Jenifer Ribeiro de Almeida
Centro de Estudos Sociais – CES Coimbra

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Ao meu filho, Leon.

AGRADECIMENTOS

Toda essa escrita se fez com o reconhecimento àquelas e àqueles que compuseram a experiência acadêmica que vivi, com o curso de mestrado. Tal reconhecimento é, também, uma evidência à minha gratidão às pessoas, aos conhecimentos e aos não humanos que viveram comigo esta jornada. E, além, é entendimento que sou cada uma dessas afetações, que me constituo com todas essas relações.

Agradeço a todos que colaboraram em todo meu curso de vida. Minha formação, no mestrado, é a soma das minhas heranças, minha história, aliada ao meu presente e aos meus sonhos, tudo que ainda almejo viver. Nesse sentido, deixo um singelo registro de agradecimento àquelas e aqueles com quem tive e tenho a honra de dividir a travessia da vida.

À minha mestra, artesã de vidas, Laura Cristina de Toledo Quadros, meu agradecimento pela nossa relação, pela sua doação generosa e amorosa.

Aos meus pais, Graça e Genildo, pelo seu imensurável amor.

Ao meu irmão, Leonardo e à sua linda família.

Ao meu marido, Celso De Leon, pela nossa partilha das dores e delícias da vida e pelos sonhos que realizamos juntos.

Às minhas amigas, mulheres que me apoiam, incentivam, torcem pelo meu sucesso e, além disso, colaboram com ele. Andréa Corrêa e Michelle Ribeiro, minhas irmãs e comadres que tanto amo. E, também, aquelas que fazem o meu sorriso ser ainda mais feliz: Daniela Celeste, Diana Ribeiro e Renata Christian, minha enorme gratidão pela nossa amizade!

Às tantas histórias que eu tive a honra de acolher e que me tornaram a psicoterapeuta que sou, hoje. Toda minha gratidão aos meus clientes!

Ao CNPq pelo financiamento dessa pesquisa.

E à UERJ, em especial ao Programa de Pós graduação em Psicologia Social, que mesmo em um curso vivido exclusivamente de forma remota, diante a pandemia, proporcionou aos seus alunos uma educação orientada pelo cuidado e pela responsabilidade. Hoje, compreendo o orgulho que os alunos e ex-alunos da UERJ sentem pela instituição. Agora, eu também experimento essa emoção.

Amar e mudar as coisas me interessa mais.

Belchior

RESUMO

Vieira, Lívia. *Psicoterapia, uma “estrela solitária”?* Outras versões dessa prática sob o enfoque da Teoria Ator-rede. 2022. 93f. Dissertação Mestrado em Psicologia Social – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Podemos afirmar a psicoterapia como uma prática solitária enquanto versão hegemônica, na formação de psicólogos e psicoterapeutas? A proposição que guia essa pesquisa é investigar a ideia tão difundida entre psicólogos de que a psicoterapia é uma prática solitária. Sem pretensão de chegar a um simples sim ou não, ou a um verdadeiro ou falso, essa pesquisa, objetiva seguir com essa questão em suas múltiplas versões. Inspirada pelas pesquisas em Cosmologia do cientista brasileiro Marcelo Gleiser, essa investigação tem as estrelas como metáfora, firmando, com isso, uma política de escrita que marca a articulação da nossa existência como parte de uma totalidade, como intrinsecamente relacionada à todas as formas de vida existentes. Além, essa escrita se fundamenta com a Teoria Ator Rede (TAR), com os estudos das pesquisadoras feministas, com o enfoque ético-político do pesquisarCOM (Moraes, 2010) e pela estética da pesquisa como processo artesanal (Quadros, 2015). A versão da psicoterapia como prática solitária é articulada, nessa pesquisa, com quatro histórias que emergiram no e com o campo: a história de uma estrela solitária, a história de estrelas articuladas, a história de uma estrela situada e a história de uma estrela silenciosa. Acompanhando as vinculações e os embates entre os atores, a pesquisa caminha com tais histórias em suas associações, estabilizações e desestabilizações. Com cada uma dessas histórias, o que está em jogo é a possibilidade de ampliar a percepção acerca da versão da psicoterapia como prática solitária e acessar muitas outras versões que a acompanham. Com o curso da pesquisa, foi possível perceber que a versão da psicoterapia como uma prática solitária é performada das mais variadas formas, ela se sustenta vinculada com diversas versões, algumas delas bem distintas entre si. Cada uma dessas versões é performada pela relação de aspectos culturais, históricos, sociais, econômicos, políticos, entre outros. E, nessa pesquisa, foi possível conhecer e explorar algumas delas. A pesquisa finda com um convite àqueles que, também sensibilizados com a versão da psicoterapia como uma prática solitária, quando se depararem com tal versão aqui e acolá, possam se lembrar dessa jornada inspirada com as estrelas.

Palavras-chave: Psicoterapia. Prática clínica. Solidão. Teoria ator-rede

ABSTRACT

VIEIRA, Livia. *Psychotherapy, a "lone star"? Other versions of this practice under the focus of actor-network theory*. 2022. 93f. Dissertação Mestrado em Psicologia Social – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Can we affirm psychotherapy as a solitary practice as a hegemonic version, in the training of psychologists and psychotherapists? The proposition that guides this research is to investigate the idea so widespread among psychologists that psychotherapy is a solitary practice. Without pretending to arrive at a simple yes or no, or true or false, this research aims to follow this question in its multiple versions. Inspired by the Cosmology research of the Brazilian scientist Marcelo Gleiser, this investigation has the stars as a metaphor, thus establishing a writing policy that marks the articulation of our existence as part of a totality, as intrinsically related to all existing life forms. Moreover, this writing is grounded with Actor Network Theory (TAR), with the studies of feminist researchers, with the ethical-political approach of researchCOM (Moraes, 2010), and by the aesthetics of research as a handmade process (Quadros, 2015). The version of psychotherapy as a solitary practice is articulated, in this research, with four stories that emerged in and with the field: the story of a solitary star, the story of articulated stars, the story of a situated star, and the story of a silent star. Following the linkages and clashes between the actors, the research walks with such stories in their associations, stabilizations, and destabilizations. With each of these stories, what is at stake is the possibility of broadening the perception about the version of psychotherapy as a solitary practice and accessing many other versions that accompany it. Through the course of the research, it was possible to see that the version of psychotherapy as a solitary practice is performed in many different ways, it sustains itself linked with many versions, some of them very different from each other. Each one of these versions is performed by the relation of cultural, historical, social, economic, political aspects, among others. And, in this research, it was possible to get to know and explore some of them. The research ends with an invitation to those who, also sensitized by the version of psychotherapy as a solitary practice, when they come across this version here and there, may remember this journey inspired by the stars.

Keywords: Psychotherapy. Clinical practice. Loneliness. Actor-network theory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Ilustração Gika Carvalho	11
Figura 2 –	Imagem de uma constelação	15
Figura 3 –	Imagem constelação TUPI	16
Figura 4 –	Constelação Cruzeiro do Sul	19
Figura 5 –	Diário de Campo	21
Figura 6 –	Pálido ponto azul	37
Figura 7 –	Estante consultório	71
Figura 8 –	Ilustração Gika Carvalho: Monalisa	76
Figura 9 –	Trabalho terapêutico com uma cliente	78
Figura 10–	Trabalho terapêutico com um cliente	80
Figura 11 –	Freud: ou seria um pai de santo?	82
Figura 12 –	Noite Estrelada de Van Gogh	83

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	FEITOS DAS HISTÓRIAS ESTELARES	16
2	APRESENTANDO MEU CRUZEIRO DO SUL	19
2.1	<u>Estrelas fazedoras de histórias</u>	20
2.2	<u>A estrela Qualificação</u>	24
2.3	<u>A estrela Psicoterapia</u>	27
2.4	<u>A estrela Simpósio</u>	31
3	ORA DIREIS OUVIR ESTRELAS: O QUE ELAS NOS CONTAM?	37
3.1	<u>Uma verdade corajosa e surpreendente</u>	38
3.2	<u>O que nos contam as estrelas?</u>	42
3.2.1	<u>A história de uma estrela solitária</u>	44
3.2.2	<u>A história de estrelas articuladas</u>	52
3.2.3	<u>A história de uma estrela situada</u>	56
3.2.4	<u>A história de uma estrela silenciosa</u>	63
4	CONEXÕES ESTELARES	68
	VIOLETA, LIMÃO, AZUL, VERDE: AS ESTRELAS SE APAGAM? ...	83
	REFERÊNCIAS	86

INTRODUÇÃO

“Resumindo, cerca de quatro bilhões e meio de anos atrás, a terra nasceu. Feita dos restos da matéria que não virou sol e de outras estrelas já defuntas. Essa é a origem do sol, da terra e dos planetas do sistema solar. Os átomos, a matéria da qual tudo é feito são mais antigos do que nosso planeta e nossa estrela. Essa é a matéria da qual nós somos feitos, restos de estrelas que explodiram bilhões de anos atrás.

*Pra mim essa visão não é só magnífica como é inspiradora. Ela demonstra que somos parte do universo, **criaturas feitas de poeira de estrelas, em união com o cosmo, produto da sua história. Não é apenas uma questão de você e o universo. Você é o universo! Quando olhamos para o céu estrelado vemos a nossa história gravada na luz das estrelas, parte que somos da grande narrativa cósmica.**”* (grifo nosso)

Marcelo Gleiser¹

¹ Conteúdo disponível no canal do cientista brasileiro Marcelo Gleiser, no Youtube, em série intitulada “Caminhos do Bem Viver”. Esta é parte da narrativa do vídeo de número cinco intitulado “Nossas Origens Cósmicas”, postado em 2019.

Figura 1: Ilustração Gika Carvalho²

Fonte: Acervo pessoal

² Essa ilustração foi um presente que ganhei da artista Gika Carvalho. Na ocasião de um fim de ano, ela chegou em nossa sessão de terapia dizendo ter ilustrado como se sentia em nossos encontros: “abraçando seu universo”. Gika Carvalho autorizou não somente a divulgação dessa ilustração, mas a quebra do sigilo de seu nome, nessa pesquisa.

1 FEITOS DAS HISTÓRIAS³ ESTELARES

Aprecio histórias que contam a existência como união. Cuidadosamente escolhida para abrir os caminhos dessa escrita, essa história narrada pelo cientista brasileiro Marcelo Gleiser diz que o cálcio dos meus ossos, o ferro no meu sangue e o carbono em minhas proteínas, vem das estrelas. Eu, poeira de estrelas que existiram bilhões de anos atrás. Sinto-me, assim, feita de histórias, tecida com o tempo. Histórias que brilham em mim como corpos celestiais e povoam meu múltiplo universo. Estimo ainda mais aquelas que carregam um toque de lirismo, é verdade. Mas, todas me afetam, todas me atravessam, todas me compõem.

As estrelas do céu e as estrelas humanas são compostas de histórias que convocam com os seus detalhes, com a beleza que há em cada uma de suas partes. Na jornada da vida das estrelas do céu, é o sofisticado equilíbrio entre a sua pressão interna e a força externa da gravidade, aquilo que garante a sua existência, no tempo. Essa é a história da vida das estrelas celestes e creio que possamos apostar nas conexões que ela trava com a nossa vida humana. Vida que se faz no agenciamento das nossas condições de possibilidades e interesses, nossa “pressão interna”, com o mundo e sua “gravidade”.

Clarifico às leitoras e aos leitores, que seguirei inspirada na narrativa cósmica de Marcelo Gleiser. Desejo e irei me referir a essa pesquisa com as estrelas como metáfora, firmando, com isso, uma política de escrita que marca a articulação da nossa existência como parte de uma totalidade, como intrinsecamente relacionada à todas as formas de vida existentes. Estamos ligados à história das estrelas e essa história nos conecta uns aos outros, no tecer do tempo. Lembro do que diz Eduardo Galeano (2012) “*o mundo não é feito de átomos, o mundo é feito de histórias*”. Aqui, a história das estrelas narrada por Marcelo Gleiser foi inspiração para toda a escrita.

Essa pesquisa se fundamenta na jornada de uma estrela aprendiz de pesquisadora. Lembro que a humanidade, por longos anos, antes da existência da bússola e das tecnologias via satélite, se orientava essencialmente, pela observação dos astros, do Sol e das estrelas. Em meu ingresso no curso de mestrado, me dei conta que viveria uma jornada sem *GPS*, sem recursos tecnológicos para apontar os

³ Nessa escrita, não há uma distinção entre os termos história/estória. Aqui, farei uso do termo “história” para referir as narrativas que conheci, as experiências que vivi, durante a vida, e para narrar as experiências com o campo e com a pesquisa.

caminhos que eu deveria seguir. Mas, o viver desta jornada me fez perceber que não estaria perdida, nem mesmo desamparada se estivesse conectada às estrelas, que elas poderiam guiar os meus caminhos. Para tal, era preciso que não me esquecesse da minha própria composição estelar e, além disso, que a minha trajetória seria iluminada por estrelas-guias.

Com o desafio de versar uma história para essa dissertação, fui me embrenhando em tudo o que há em mim, visitando cada uma das minhas poeiras. Alguns anos atrás, levada por amigas, frequentei o grupo de estudos Entre Redes, com o professor Ronald Arendt, na UERJ. Foi lá que conheci a Teoria ator-rede (TAR) e foi onde tive meu primeiro contato com os trabalhos de Bruno Latour, John Law e com as pesquisadoras feministas. Anos mais tarde, a jornada do mestrado se apresentava como uma oportunidade de me reconectar com esses aprendizados, com essas poeiras de estrelas que me compunham e de crescer, ir além, com elas. Com as experiências da pós graduação, me percebi uma estrela aprendiz que admira e observa estrelas mestras, essas que já povoam o mundo com suas histórias, há algum tempo. E são suas histórias, ligadas às minhas, que compõem essa pesquisa.

Em um encontro com a estrela mestra e orientadora dessa pesquisa, logo no início do curso do mestrado, ela lançou em mim sua luz que incentiva, convoca e quis saber: “qual história você irá nos contar em sua dissertação?”. Dessa provocação, ou melhor, dessa iluminação nasceu essa escrita. Tal provocação me remeteu à vivências remotas, que marcam o início da minha graduação e que foram ganhando novos contornos à medida que as estrelas iluminavam a trajetória. Essa história foi sendo delineada com o curso e com as experiências do mestrado e foi assumindo, progressivamente, as atenções e as articulações dessa pesquisa. Vamos à ela:

Era uma vez, uma estrela jovem que aos dezenove anos ingressava no curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O ano é 2002. Nos corredores da universidade, estudante recém chegada, e como tal, com o corpo composto por átomos cheios de energia, eis que ouço uma história que se apresenta da seguinte forma: a psicologia é uma profissão solitária. Que esquisito, pensei. E guardei essa história em minha coleção interna intitulada “estranhamentos com a Psicologia”. Anos depois, já psicóloga e estudante do curso de especialização em Gestalt Terapia, ouço aqui e acolá a seguinte

história: a psicoterapia é uma prática solitária. Que esquisito, pensei, novamente. E salvei essa história naquela mesma “pasta interna”, a coleção “estranhamentos com a Psicologia”. Deixei assim misturado mesmo, sem fazer uma pasta especial para a experiência “Psicoterapia”. É que, em mim, tais experiências estão conjugadas, misturadas em histórias de tempos diversos.

Em meu percurso com a pesquisa, resgatei esse “estranhamento” que, paradoxalmente, foi tomado como natural, algo já dado, ou, na perspectiva de Despret (1999), uma visão do que seria esse ofício de psicoterapeuta: solidão. Foi apenas no curso de mestrado, em minha jornada como estrela aprendiz de pesquisadora, que encontrei a possibilidade de investigar essa história e o que ela conta da psicoterapia como prática. E o estranhamento se fez intriga: Será essa a única versão para essa questão?

Nesse sentido, me apoio no que Moraes (2010) e Quadros (2015;2021) destacam acerca do que Despret (1999) traz como “versão”, um outro modo de produzir proposições. A autora Vinciane Despret introduz a noção de versão destacando que, ao contrário da visão, uma versão não se fecha, apresenta-se mais aberta, sem constituir uma afirmação de verdade, mas sim uma possibilidade. Uma versão pode se abrir, se fechar, e seguir ao lado de outras versões, sem que uma substitua a outra. Nesse sentido, uma história pode ter mais de uma versão não formando nem um universal, nem um absoluto. (Despret, 1999)

Assim, a proposição que me guia, no curso dessa pesquisa, é investigar a ideia tão difundida entre psicólogos de que a psicoterapia é uma prática solitária. Não pretendo chegar a um simples sim ou não, ou a um verdadeiro ou falso; ao contrário, seguir com essa questão em suas múltiplas versões. E, nesta pesquisa, busco o contato com tais versões no diálogo com aqueles que caminham este percurso como psicoterapeutas. Com isso, faço essa escrita marcada por experiências vividas, por histórias encarnadas com o campo da psicologia e das psicoterapias. E uma pergunta me acompanha, nesse percurso: Será que podemos afirmar a psicoterapia como uma prática solitária enquanto versão hegemônica, na nossa formação?

Crio, com essa escrita, uma forma de partilhar essa jornada vivida e o que pude aprender com as estrelas. Sejam elas as estrelas celestes, as estrelas humanas, as não humanas, enfim, me refiro aquilo que fui aprendendo com as

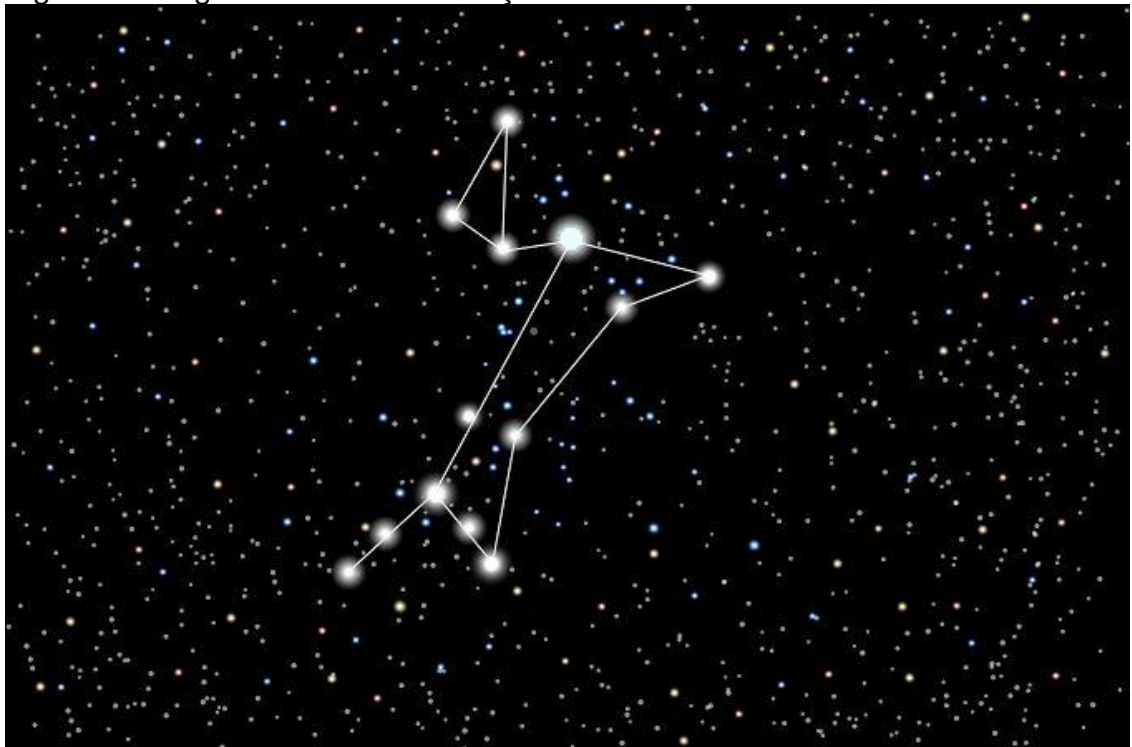
estrelas que guiaram os caminhos e descaminhos trilhados, no curso de uma pesquisa que se dedica a pensar a história da psicoterapia como uma prática solitária.

Esta escrita é estrelada pela Teoria Ator Rede (TAR), pelo brilho dos estudos das pesquisadoras feministas, pelo enfoque ético-político do pesquisarCOM (Moraes, 2010) e pela estética da pesquisa como processo artesanal (Quadros, 2015). Esta constelação, mais comumente chamada de caixa de ferramentas, irá me apoiar no desenvolvimento dessa pesquisa. Uma frase de Despret (1999) ilumina meus caminhos *“O tema segue uma linha, termo a termo; a versão desenha uma arborescência”*. (p.233). É nesse espírito que essa pesquisa caminha.

A passagem pelo mestrado, foi também marcada pelo inesperado. Preparada para cursar a pós-graduação nas salas de aula da UERJ, fui surpreendida pela pandemia. Nada foi como imaginei, muitas adaptações, perdas, aprendizados e reformulações foram necessárias. Medo, tensão e desamparo foram sentimentos que rondaram esse trajeto. Talvez, buscar conforto olhando as estrelas seja um tipo de “rota de fuga”, uma alternativa que se constitui na imensidão do espaço sideral.

Inevitável, para mim, reconhecer esse caminho como um encontro de corpos celestes, que iluminam, explodem, guiam, e se refazem na construção de mundos.

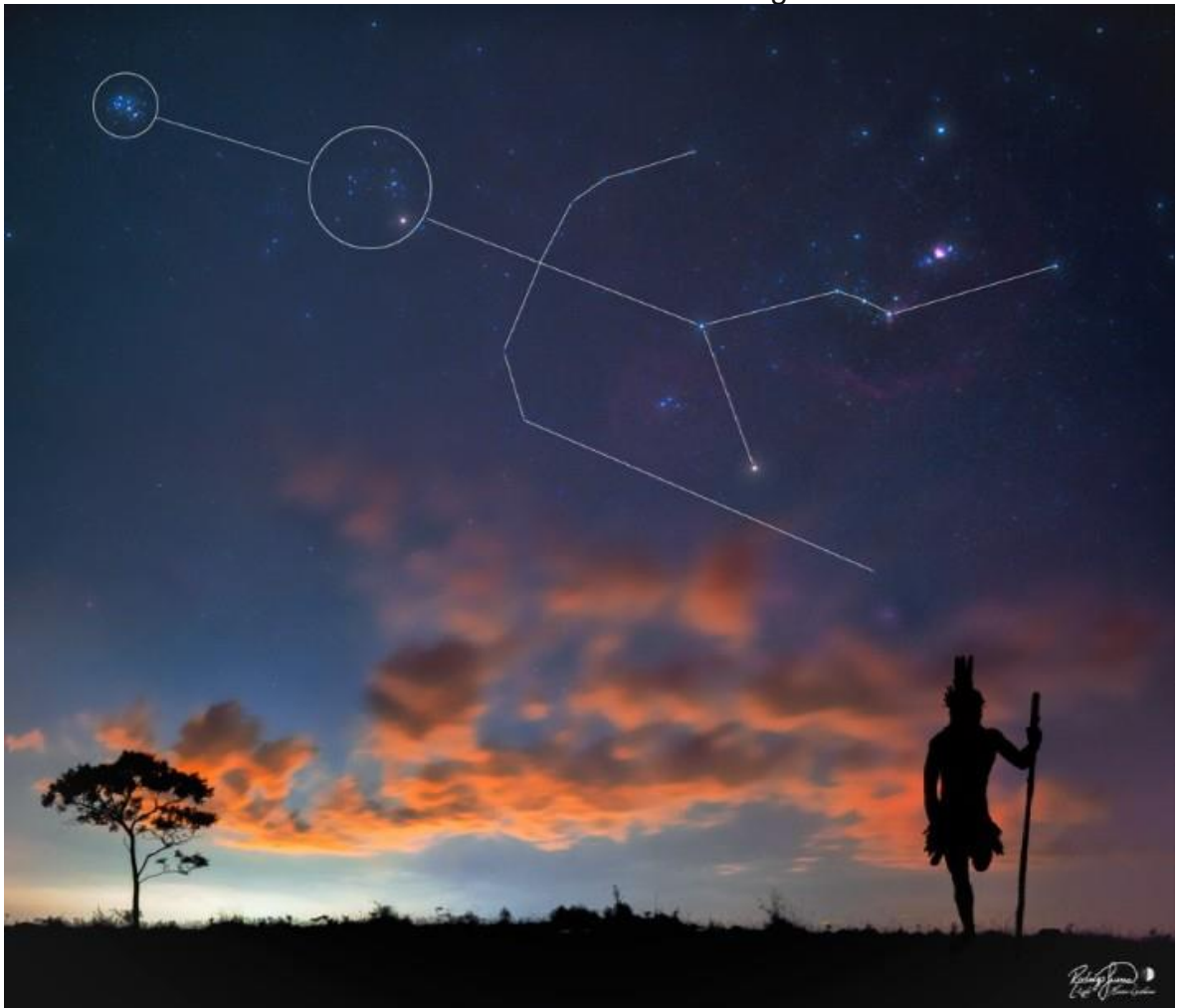
Figura 2: Imagem de uma constelação



Fonte: Instituto Claro

Histórias contam que a origem das constelações celestes estaria nos tempos em que tínhamos apenas as estrelas para iluminar o céu noturno. Que nossos antepassados enxergavam animais, objetos, figuras mitológicas e divindades ligando as estrelas com linhas imaginárias e lhes atribuindo nomes específicos. (Filho e Saraiva, 2021, pág, 1). Foi com a observação das constelações, na antiguidade, que a humanidade começou a identificar as estações do ano.

Figura 3: Constelação definida pelos indígenas Tupi, com o aglomerado de Hyades definindo sua cabeça, e as Três Marias como parte de uma perna. No folclore Tupi, a outra perna foi cortada por sua esposa desgostosa, levando-a a terminar na estrela avermelhada conhecida no ocidente como Betelgeuse.



Fonte: Filho e Saraiva, 2021. Imagem de Rodrigo Gerra.

A história das constelações é, também, a nossa história, no tempo; são reflexos de culturas, crenças e hábitos particulares de cada povo. “*As constelações dos gregos antigos não são as mesmas dos chineses. Onde um povo enxerga um objeto, outro povo pode enxergar um animal.*” (Moreira, 2020, p.1). Atentar ao fato de

que cada povo via o céu à sua forma (e não seria assim até os dias de hoje?) é um aspecto muito relevante para uma pesquisa que segue rumos não lineares e que se firma no caráter situado, localizado do conhecimento. Ainda que a Astronomia tenha mapeado oitenta e oito constelações e desenvolvido mapas globais destas constelações, ao olharmos o céu estrelado, ainda podemos imaginar, criar as nossas próprias constelações.

Convido leitoras e leitores para seguirmos com essa escrita-constelação que se constitui com estrelas que foram marcos desta pesquisa. Os próximos capítulos foram intitulados: “Apresentando meu Cruzeiro do Sul”, “Ora direis ouvir estrelas: o que elas nos contam?”, “Conexões estelares” e, o capítulo final, “Violeta, limão, azul, verde: estrelas se apagam?”.

A proposta do capítulo “Apresentando meu Cruzeiro do Sul” é compartilhar como fui sendo guiada pelas estrelas e como elas foram abrindo os caminhos para essa pesquisa. Tratam-se das afetações vividas na jornada acadêmica e como fui me dirigindo para o encontro com a proposição dessa pesquisa. Apresento, então, quatro estrelas. São elas: “Fazedoras de Histórias”, “Qualificação”, “Psicoterapia” e “Simpósio”. Juntas elas formam, com outras estrelas, a constelação que guiou os passos iniciais dessa estrela aprendiz de pesquisadora. Juntas elas constituíram uma espécie de Cruzeiro do Sul, uma orientação para os caminhos da pesquisa. Elas guiaram a minha jornada de pesquisa e o encontro com a proposição desta investigação, pensar com a versão da psicoterapia como uma prática solitária.

No capítulo três, “Ora direis ouvir estrelas: o que elas nos contam?”, trago o que constituiu o campo dessa pesquisa. Trata-se de um capítulo onde apresento observações e acompanho os vínculos que emergem com o campo. Vou seguindo com a rede em suas relações entre atores históricos, culturais, econômicos, políticos, entre outros. Com as narrativas de cinco psicoterapeutas vou desdobrando articulações, afetações, conexões, enfim, apresento como fui dialogando com esse campo.

O capítulo quatro, “Conexões estelares”, é composto pela partilha de histórias vividas, da psicoterapia que encarno com a minha vida e fazer. Trata-se de um capítulo onde, com a historicidade da minha prática clínica, nos últimos anos, promovo uma exposição da psicoterapia como um fazer articulado com a conexão dos mais variados atores. Discorro a escrita desse capítulo provocada

por histórias com os atores não humanos que compõem o fazer psicoterapia junto comigo. As minhas histórias pessoais e profissionais se fazem ligadas com os mais variados atores e esse capítulo conta com algumas dessas histórias.

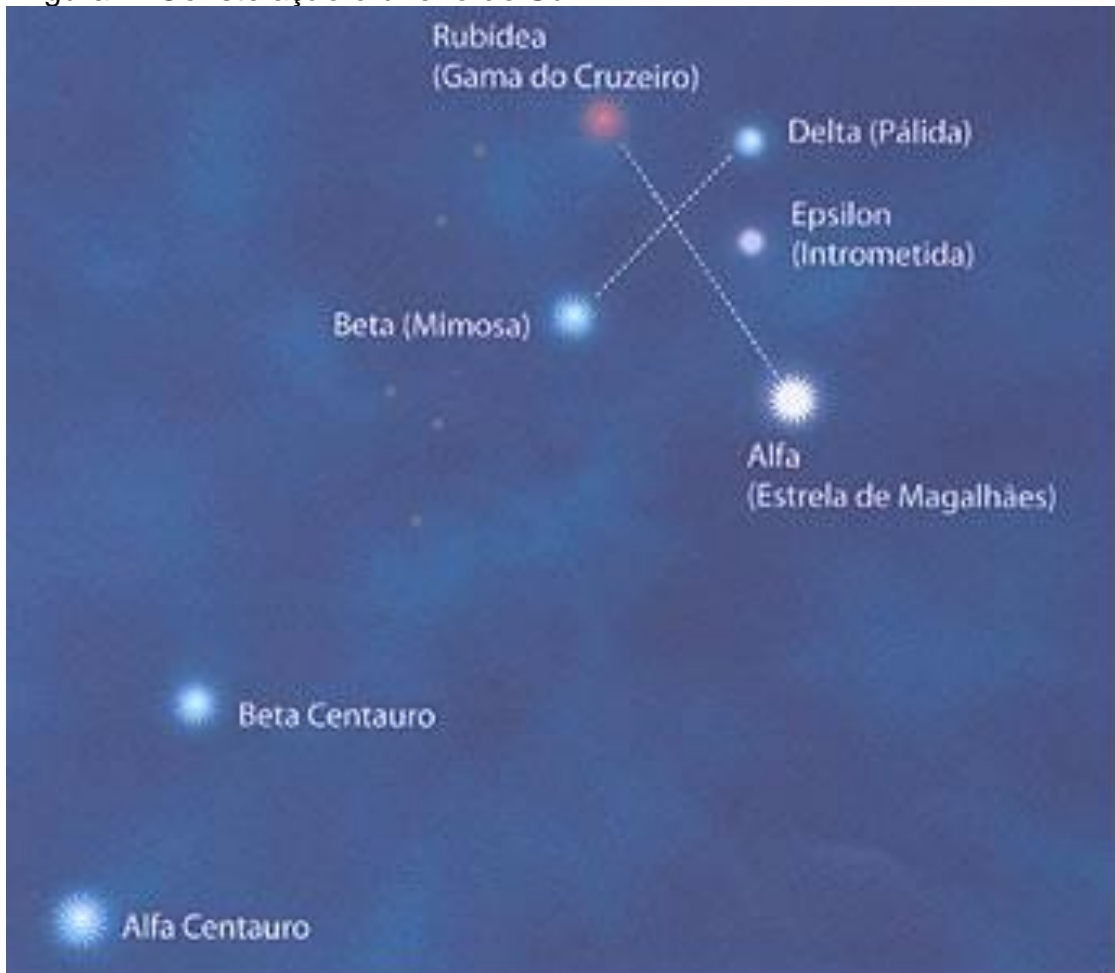
Com o capítulo “Violeta, limão, azul, verde: as estrelas se apagam?” dirijo a escrita com contornos de finalização desse texto de dissertação. E deixo um convite aos leitores relacionado à proposição dessa pesquisa.

Aqui, convido, então, a quem me lê, que embarque nessa jornada que, embora vá transitar com estrelas, não promete revoluções estelares mas sim uma visita ou (re)visita ao que foi iluminado para mim nessa trajetória estelar.

2 APRESENTANDO MEU CRUZEIRO DO SUL

O Cruzeiro do Sul é uma das constelações mais importantes para aqueles que são guiados pelas estrelas, no hemisfério Sul. Ela é formada por cinquenta e quatro estrelas, no entanto, apenas cinco são visíveis a olho nu: Alfa, Beta, Gama e Delta, suas estrelas de primeira magnitude. A quinta estrela, de menor magnitude em comparação às demais, é chamada de Epsilon. A constelação do Cruzeiro do Sul está representada na bandeira de alguns países, ao redor do mundo, tais como Austrália, Nova Zelândia e, também, na nossa bandeira brasileira.

Figura 4: Constelação cruzeiro do Sul



Fonte: Mundo Educação

Em minha jornada, com as experiências do mestrado fui progressivamente conhecendo aquele que seria o Cruzeiro do sul desta pesquisa. Essa constelação foi emergindo, foi aparecendo durante a jornada acadêmica. Com

essas estrelas, fui sendo afetada e fui me articulando com as experiências vividas com a pesquisa. São elas: “Fazedoras de Histórias”, “Qualificação”, “Psicoterapia” e “Simpósio”. Juntas, elas formaram o meu cruzeiro do sul, a constelação que, em todo o meu percurso, recorri para me guiar, para orientar e reorientar as rotas e seguir com a jornada da pesquisa. Recorrer a essa constelação como guia foi necessário em todos os momentos da jornada. Quando dúvidas emergiam com o campo, era com essas estrelas que travava alguns diálogos importantes para seguir.

Lembro às estrelas leitoras que a observação dos céus e sua referência como orientação para nós, humanos, é um conhecimento que foi sendo constituído, tecido com o tempo. Da mesma forma, nessa escrita, partilho como as minhas experiências como estrela aprendiz de pesquisadora foram me afetando e como fui sendo guiada pelo brilho das estrelas, na jornada do curso do mestrado.

2.1 Estrelas fazedoras de histórias

Um marco em minha jornada como estrela aprendiz foi o ingresso no curso de mestrado em Psicologia Social, na UERJ. Com as disciplinas cursadas, leituras e com as muitas discussões vividas, seja nas aulas ou no grupo de orientação, fui provocada a pensar em como povoar o mundo com minha pesquisa e escrita. Bem como sobre a relevância de atentar às histórias que crio, pois, são também elas, que compõem o mundo que vivemos.

Ao longo da jornada do mestrado, fui me dando conta que a despeito de tantas histórias encarnadas, eu estava em um novo “lugar” e frente um novo risco: o de criar mundos com a minha escrita. Com os estudos e as inúmeras leituras, fui trilhando os caminhos guiada pelas estrelas fazedoras de histórias. Não me refiro exclusivamente à Despret e Stengers, essas que tem um livro publicado com o título “As fazedoras de histórias” (2011), título cuja tradução para o Português coloquial também poderia ser algo como “criadoras de casos”. Minha referência, nessa escrita, são as mulheres que com suas pesquisas vão nos contando como é ser estrela pesquisadora. Assim, elas iluminaram e guiaram os meus caminhos de estrela aprendiz de pesquisadora. Elas são Laura Quadros, Márcia Moraes, Eleonôra Prestrelo, Despret, Favret-Saada, Donna Haraway, Stengers, Annemarie

Mol, Alexandra Tsallis, Rosa Pedro e outras tantas mulheres que, não citadas nesse ponto, serão referidas nos caminhos dessa escrita. Suas pesquisas afetaram, sensibilizaram e foram, progressivamente, compondo o meu corpo (Latour, 2008, p.39) de pesquisadora.

Registro suas histórias em meu diário de campo, este companheiro inseparável de um mestrado singular, também, por ter sido vivido em plena pandemia do Covid-19. Ele mesmo, o diário, conta uma história, a história de uma relação. Ele foi um presente confeccionado por uma cliente⁴ ilustradora e amante de papelaria. Quando soube da minha aprovação no curso de mestrado, o reservei para ser o meu companheiro, nesta jornada:

Figura 5: Diário de campo



Fonte: Acervo pessoal

⁴ Os termos paciente, cliente e consultante são comumente adotados para referir a pessoa que busca a psicoterapia. Nessa pesquisa, o termo adotado será “cliente” em consonância com a proposição teórico metodológica da Gestalt Terapia.

Logo nos primeiros momentos do curso de mestrado, aprendi que poderia guardar meu lastro de afetações, seja com as disciplinas cursadas, seja com o campo de pesquisa e/ou com atividades desenvolvidas, em um diário de campo. E, assim, o fiz. Fui vivendo essa metodologia de pesquisa que se dá na relação com o diário e, assim, progressivamente, a cada experiência, a cada prática, o diário foi o companheiro de todas as minhas vivências relacionadas à pesquisa, nos dois últimos anos. Ao lê-lo vou me apropriando dos aprendizados, da minha jornada acadêmica, pensando a pesquisa e “procurando meu milho”.

Discutido em um encontro do grupo de orientandos, o texto “Ciência no feminino”, de Stengers (1989), me afetou, principalmente, pela história de Bárbara McClintock, uma mulher cientista que pesquisa células de milho, no campo da embriologia. Registro no diário que pensar com o milho, deixar o milho falar, estabelecer relação com o milho, permitir que ele traga os problemas é uma ciência no feminino, é a forma que Bárbara se relaciona com o milho e com a sua pesquisa. *“O milho estudado por McClintock é o produto de histórias emaranhadas, a história de sua reprodução, a de seu desenvolvimento, a de seu impulso no campo onde se depara com o sol, o frio, os insetos predadores, etc. (Stengers, 1989, p.429)* Essa forma de fazer que me afeta como uma relação de paixão com o campo, como um profundo envolvimento com a pesquisa.

Criar uma história dos encontros e desencontros vividos com o campo de modo que este possa nos falar sobre ele, nos conte suas histórias é, segundo Stengers (1989), fazer ciência no feminino. Aproveito esse ponto para falar do campo dessa pesquisa: a psicoterapia como prática. Desde meu ingresso no curso de especialização em psicologia clínica com ênfase em Gestalt Terapia, em 2008, experiencio o campo da clínica psicológica e, hoje, porto inúmeras experiências das minhas afetações em meus tantos encontros com ele. Contornar qual seria o campo desta pesquisa, ao longo do curso de mestrado, não foi uma questão difícil para essa estrela aprendiz que aqui escreve. Eleger a psicoterapia como campo era minha única certeza, a certeza de querer estrelar esse campo. Mas, criar “uma história dos encontros com o milho” para versar foi um desafio. Conhecer e clarificar a proposição dessa pesquisa, no entanto, não a neutraliza, não cria uma asepsia para novos problemas. Ao contrário, a pesquisa segue sendo desafiadora. Ler uma pesquisa escrita não significa que ela esteja encerrada. Tenho aprendido, ou melhor,

vivido uma pesquisa acontecência, viva, que pulsa, vibra e provoca inquietações e reflexões, constantemente.

Povoada por histórias vividas com o campo da Psicologia e das psicoterapias, o exercício de lidar com as minhas experiências e com a escrita foi e segue sendo desafiador para mim. As estrelas fazedoras de histórias nos contam, com suas escritas, que pesquisa não se faz calculando volume de experiências, não se trata de uma questão de enquadre. Há um desafio em estar no “lugar do nativo” (Favret-Saada, 2005), ser agitado por sensações, pensamentos e percepções comuns aqueles que ocupam tal lugar no campo, e, para além disso, pesquisar esse campo. E aí, nesse viver tecido com o campo que a ciência no feminino se revela demasiadamente desafiadora.

A leitura de Favret-Saada com o seu “Ser afetado” (2005) foi essencial para iluminar minhas experiências com a pesquisa e com a escrita. Com tal leitura, compreendi que poderia aceitar me deixar afetar pela “feitiçaria”⁵, pelas experiências com o campo e vivenciar tais afetações como sendo elas mesmas um dispositivo de pesquisa (dispositivo este que se distingue de uma observação participante e de empatia) (Favret-Saada, 2005, p. 155). Este é um dos meus aprendizados com o curso de mestrado que encontra, nessa pesquisa e nessa escrita uma das formas de seu exercício:

Se afirmo que é preciso aceitar ocupá-lo, em vez de imaginar-se lá, é pela simples razão de que o que ali se passa é literalmente inimaginável, sobretudo para um etnógrafo, habituado a trabalhar com representações: quando se está em um tal lugar, é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los. (p. 159)

Como escrever este bombardeio de afetos vividos com a pesquisa? As experiências, as afetações das aproximações com o campo são aquilo que o pesquisador escreve, aquilo com o qual cria histórias, aquilo que pesquisa. E a escrita é uma forma prática de experienciar a ciência no feminino e, também, uma ação política. Viver a ciência no feminino não é algo dado, pronto. Ao estabelecermos relação com o campo o que emerge pode nos escapar, nos surpreender. Segundo Quadros (2015):

⁵ Favret-Saada estuda a feitiçaria no Bocage francês.

O envolvimento não é um despreparo do pesquisador. Este é, muitas vezes, um requisito para que o pesquisador trave um diálogo entre as próprias impressões, a experiência vívida, a fluidez do campo, as referências epistemológicas e a emergência dos atores que atravessam este processo. Estar “dentro” constitui um outro possível apoiado na horizontalidade do “falar de” e/ou “falar com” que se diferencia da verticalidade do “falar sobre” (p. 1190-1191)

E é desse “estar dentro” que crio essa história, dentro-com impressões, afetações, experiências, referências epistemológicas e múltiplos atores. Ao longo do tempo do curso de mestrado, escrevi várias histórias, vislumbrei rotas diversas, ainda que todas partissem do mesmo campo, a psicoterapia como prática. Como estrela aprendiz de pesquisadora eu experimentava uma certa euforia com a pesquisa e uma dificuldade de dialogar com as minhas histórias, a pesquisa e, principalmente, com a escrita.

Foram as estrelas fazedoras de histórias, essas mulheres que com suas escritas nos contam como é viver uma pesquisa encarnada e situada, elas que guiaram os meus caminhos acadêmicos e foram, simultaneamente, transformando meu corpo (Latour, 2008, p.39) de estrela aprendiz de pesquisadora. Nesse ponto, eu já podia perceber que não era a mesma estrela do início da jornada. Havia sido sensibilizada por inúmeras leituras, pela articulação do conhecimento com as experiências encarnadas, vividas com pesquisa. Havia sido marcada pelas leituras, pelos encontros, pelas trocas com mulheres pesquisadoras, estas criadoras de histórias e casos que compartilham suas experiências com a vida e com a pesquisa. E, então, mais situada, eu já esboçava minha história para essa dissertação e me preparava para viver uma experiência que reorientaria os rumos da pesquisa.

2.2 A estrela qualificação

A qualificação é uma etapa importante em um curso de pós-graduação. Trata-se de um marco na jornada da pesquisa. E, em meu caso, não foi diferente. Meu encontro com as estrelas examinadoras Luciana Loyola Madeira Soares e Diana Jenifer Ribeiro de Almeida e, ainda, com Érika da Silva Araújo, como suplemente, foi marcado por um amplo diálogo acerca da história que contava, naquele momento, com minha pesquisa. Foi unânime a percepção de que aquela escrita apresentada à banca portava inúmeras possibilidades de pesquisa. Foi, então, nesse diálogo com a

banca que minha atenção se voltou para a história da psicoterapia como uma prática solitária como a via, como o destino que elegeria para a jornada dessa pesquisa.

Hoje, considero que aquela história que ouvi em minhas experiências com o campo, a história da psicoterapia como prática solitária pode ser pensada, simultaneamente, como uma versão e uma controvérsia. Sim, pois, ela chegou até mim como uma visão que traz uma afirmação um tanto naturalizada acerca da Psicologia e da psicoterapia, ela carrega heranças, cria e recria histórias da Psicologia e da psicoterapia como uma prática. Em minha qualificação, em Setembro de 2021, junto com a banca, problematizamos a psicoterapia como uma prática solitária enquanto uma controvérsia. Naquele momento, apesar de não destacar intencionalmente essa questão, fui alertada pela banca o quanto que meu texto carregava o aspecto da solidão como uma visão e não como uma versão. Ele estava impregnado com a história da psicoterapia como uma prática solitária como afirmação e não exatamente como versão ou até mesmo uma controvérsia.

A partir das experiências vividas na qualificação, senti necessidade de me afastar da proposição inicial que permeava essa dissertação – problematizar a psicoterapia como uma atividade laboral – e fui convocada para um outro enfrentamento. Enredada com a história que ouvi na graduação e em experiências profissionais, a visão da psicoterapia como uma prática solitária me afetava como algo dado. Foi com a experiência da qualificação, com as trocas e colaborações da banca (composta por mulheres fazedoras de histórias) que emergiu a possibilidade de pensar tal questão como versão, como uma dentre muitas versões, como uma dentre muitas formas de versar a psicoterapia como uma prática. A partir dessa compreensão, clarifico a proposição dessa pesquisa como um diálogo com a versão da psicoterapia como uma prática solitária.

A partir das discussões vividas na qualificação, percebo que a versão da psicoterapia como prática solitária teve um efeito de polêmica, de embate, de controvérsia quando ela foi articulada com demais atores. Na qualificação, a banca levantou algumas questões que partilharei aqui. Diana Jenifer fez um questionamento provocador: *“Há solidão? Estamos falando em solidão da mulher psicoterapeuta? Ou estaríamos falando de incertezas, no como lidar e suportar incertezas? E do que é ser psicoterapeuta, a partir das angústias vividas com esse fazer?”*

Érika participou das discussões e apresentou algumas questões que também contaram para essas reflexões, são elas:

“O que seria solidão na prática psicoterapêutica? Não ter pessoas para ir para um happy hour? Que solidão é essa? Ainda que eu não trabalhe com eles, para sair, para trocas há outras formas de estabelecer relação. O grupo do Ronald, por exemplo, me ajuda muito com isso. Acho importante considerar os laços que me sustentaram e que me fizeram persistir no caminho. O inter-humano nos constitui como humanidade, tal como nos diz Buber.”

Provocada com as trocas vividas na qualificação, com as falas da banca, observei controvérsias presentes na versão da psicoterapia como uma prática solitária. Segundo Castro e Pedro (2013):

De modo simples, pode-se definir controvérsia como um debate (ou polêmica) que tem por “objeto” tecnologias que ainda não se estabilizaram. [...] Argumentamos, assim, que as controvérsias articuladas em torno de dispositivos tecnocientíficos constituem um espaço privilegiado para a pesquisa, pois, ao envolverem debates não apenas no interior do círculo restrito de teóricos e especialistas, articulando também outros atores, tornam-se, em certa medida, produtoras da sociedade, produzindo igualmente os sujeitos que somos – o que remete, uma vez mais, ao caráter não exclusivamente técnico da técnica. (p.354)

As controvérsias mobilizam, abrem mais e mais perguntas, mobilizam mais histórias. A versão da psicoterapia como uma prática solitária pode ser pensada, também, como uma controvérsia por não ser, tal qual colocado por Pedro (2014), uma versão consagrada nem no âmbito científico nem no âmbito das práticas.

Como estrela movida por histórias que sou, andei por aí procurando pistas da solidão. Acompanhando as versões que circulam e contam sobre ela, que a associam às práticas psicoterapêuticas, que a fundamentam aqui e acolá por uma ou outra característica do campo das psicoterapias. A questão é que, na realidade, as histórias que narram a solidão pareciam não convergir com o que vivi e com o que sinto como psicoterapeuta. E é nessa controvérsia, nesse não me ver ou me sentir uma estrela solitária, seja na vida ou mesmo no fazer clínico, que meu encontro com esta sentença foi marcado pelo estranhamento, e tal estranhamento se fez a intriga que move essa pesquisa: “Será essa a única versão para essa questão? A prática psicoterapêutica é solidão?”

Como estrela aprendiz de pesquisadora, assimilei com Bondía (2002) que “A experiência é o que **nos** passa, o que **nos** acontece, o que **nos** toca.” (p.21, grifo nosso). Assim sendo, nessa pesquisa, tive a oportunidade de ir para além de mim,

das minhas experiências, das minhas afetações e pude contar com histórias de como outras estrelas psicoterapeutas são afetadas pela versão da psicoterapia como uma prática solitária. Conhecer as versões de outros psicoterapeutas, como lidam, como se relacionam com a versão da psicoterapia como uma prática solitária é do que é feita essa pesquisa. Feita com essas histórias, com essas versões diversas e, horas, também adversas.

Mas, antes de apresentar esse diálogo com a história de outros psicoterapeutas, foi preciso atentar para alguns contornos da estrela psicoterapia a qual me refiro, nessa pesquisa. Tal exposição, ou melhor, tais contornos mais clarificados, no contexto da qualificação, emergiram como algo relevante para a exposição e para a compreensão da jornada dessa pesquisa. Em um campo vasto, composto por psicoterapia(s), pareceu relevante explicitar o que essa pesquisa chama de psicoterapia.

2.3 A estrela Psicoterapia

É verdade que a escrita voa, se cria, se recria e se faz em cada leitura, com cada leitor. Aos leitores mais curiosos e/ou mais atentos e/ou mais exigentes, ilumino alguns aspectos particulares à psicoterapia da qual falo, nessa pesquisa. A psicoterapia que tomou minha atenção pesquisadora.

Uma das únicas certezas que experimentava, no curso da pesquisa, era do meu desejo de pesquisar a psicoterapia como prática. E foram as experiências, ao longo da jornada do mestrado, que orientaram os caminhos que se fizeram destinos dessa escrita. Uma dessas experiências em especial, a qualificação, me conduziu a um contato mais próximo, uma observação mais curiosa, mais admiradora, talvez, dessa estrela psicoterapia que me refiro nessa pesquisa. E é da luz singular dessa estrela que me refiro, nesse ponto.

Observemos, então, suas nuances a partir de uma questão que emergiu na ocasião da qualificação, através de uma das pessoas que participou da banca, a professora Luciana Loyola Soares: “*O campo ao qual essa pesquisa se refere é o campo das psicoterapias ou o campo da clínica psicológica?*” Compreendo que a clínica psicológica e a psicoterapia estão inexoravelmente interpenetradas e de tão imbricadas, não raro, são referidas sem contornos claros, tal qual exposto no Caderno de Deliberações do VIII Congresso Nacional de Psicologia:

2.19 - Psicologia clínica/psicoterapia

Ampliar a discussão sobre teoria e prática em Psicologia Clínica, considerando as epistemologias não hegemônicas e as práticas emergentes. Retomar as discussões do Ano da Psicoterapia (2009) e expandir o diálogo com a categoria.” (BRASIL, 2013, pág. 39)

Considerada uma área clássica da Psicologia, a psicoterapia é regulamentada como prática psicológica apenas em 2000, através da Resolução 10/2000, que a fundamenta como *“processo científico de compreensão, análise e intervenção que se realiza através da aplicação sistematizada e controlada de métodos e técnicas psicológicas reconhecidas pela ciência, pela prática e pela ética profissional.”* (BRASIL, 2000). Segundo o Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE) os Psicólogos Clínicos seriam *“Psicoterapeutas, Psicólogos da Saúde, Terapeuta”*, (BRASIL, s.d.). De forma mais específica, psicoterapeutas:

Estudam, pesquisam e avaliam o desenvolvimento emocional e os processos mentais e sociais de indivíduos, grupos e instituições, com a finalidade de análise, tratamento, orientação e educação; diagnosticam e avaliam distúrbios emocionais e mentais e de adaptação social, elucidando conflitos e questões e acompanhando o(s) paciente(s) durante o processo de tratamento ou cura; investigam os fatores inconscientes do comportamento individual e grupal, tornando-os conscientes; desenvolvem pesquisas experimentais, teóricas e clínicas e coordenam equipes e atividades de área e afins.” (CBO.2.4.4, BRASIL, MTE)

A forma como o Ministério do Trabalho discrimina as figuras do Psicólogo Clínico e do Psicoterapeuta deixam pistas de que o primeiro, o psicólogo clínico, vivenciaria um campo de práticas mais ampliado, mais vasto. Nesse sentido, a psicoterapia pode ser pensada como uma forma de praticar a clínica psicológica, uma dentre muitas formas de fazer clínica. Já os psicoterapeutas teriam o seu campo de fazer mais definido, mais especificado, com contornos que, habitualmente, incluem, sessões regulares, em um consultório, seja ele um consultório virtual ou um espaço de encontro presencial entre psicoterapeuta e cliente(s). Em linhas gerais, diria que os campos da psicologia clínica e da psicoterapia são absolutamente imbricados e se cocriam mutuamente. Minha atenção, nessa pesquisa, se dirigiu para essa prática que se desdobra em sessões de psicoterapia, em consultório psicológico e é promovida por psicólogos especializados. Tais contornos são uma convergência das minhas experiências práticas como psicoterapeuta em aliança com minhas afetações e aprendizados com o curso do mestrado.

Já conhecedora da versão que conta que o ofício de psicoterapeuta é um labor solitário, quando rompi com uma trajetória de dez anos de trabalho formal em empresas e montei um consultório próprio, me tornando, então, responsável pelos cuidados com o espaço e com tudo que ele engendra, foi aí que meu contato com versão da psicoterapia como labor solitário se tornou ainda mais presente em meu dia-a-dia. Manejar as rotinas do consultório sozinha parecia trazer, por efeito, em mim e em minha rede de interações, um reforço à solidão como destino do psicoterapeuta. Não raro, em conversas com amigos, com antigos colegas de trabalho e demais pessoas, emergia a afirmativa *“você, agora, trabalha sozinha”* e/ou *“agora, que você está sozinha no consultório, tem que fazer rede, estabelecer mais relações porque o trabalho no consultório é muito solitário.”*

De alguma forma, a prática da psicoterapia com o contorno do consultório particular, parecia me aproximar ainda mais dessa versão de que esse fazer é solitário. De alguma forma, a condição de estar fisicamente sozinha em um consultório onde eu passava o dia recebendo pessoas, em alguns momentos, afetava minhas relações de modo que, em algumas experiências, ainda que eu não falasse sobre solidão, ouvia que meu trabalho era solitário por conta de um ou outro contorno relacionado à atividade. Nessa pesquisa, a seguir, apresentarei histórias que emergiram com o campo e que discutem algumas das associações que sustentam e fazem proliferar a versão da psicoterapia como prática solitária.

É possível que, em alguns momentos, nessa pesquisa, conexões e misturas possam ser estabelecidas entre o que se percebe como campo da clínica psicológica e o campo das psicoterapias. Tal qual nos conta a narrativa cósmica que abre essa pesquisa, os mesmos elementos que constituem o corpo das estrelas compõem, também, o nosso corpo humano e o corpo de muitas outras espécies vivas. Estamos ligados às estrelas assim como a clínica está ligada à psicoterapia e vice-versa. Eventuais misturas que possam emergir estarão, ainda, em consonância com uma investigação que elege uma orientação teórica e metodológica como a teoria ator-rede (TAR) e sua visão não moderna do social.

A versão da psicoterapia como uma prática solitária circula, se mistura e se articula com inúmeras outras versões do campo da clínica e das psicoterapias, tais como a versão da psicologia como uma profissão solitária e a versão de que a prática clínica é solitária. Nos diálogos com o campo, mesclas da psicologia, da psicologia clínica e da psicoterapia também serão evidenciadas nas narrativas de

psicoterapeutas que compõem esta pesquisa. Ainda que psicologia, prática clínica e psicoterapia estejam inexoravelmente entrelaçadas, essa pesquisa se inclina, mais especificamente, na psicoterapia como prática e na versão tão difundida de que esta seria uma prática solitária.

Portamos uma série de versões que contam e, simultaneamente, constituem a psicoterapia como prática. Para Despret (2011):

a cultura não apenas propõe o cuidado, mas vai guiar, influenciar inclusive a maneira como as pessoas experienciam seus problemas. Lá onde a cultura multiplica os seres que intervêm de maneira invisível na vida das pessoas, as pessoas querem se deixar capturar por esses seres para dar um senso e um conteúdo a seu mal-estar (p.7)

Neste trecho citado, Despret (2011) reflete o potencial político das práticas de cuidado, reflete os modos pelos quais as práticas terapêuticas sugerem modos de cuidar e elas mesmas criam modos de vivenciarmos o sofrimento. Nesse entrelaçamento de cultura e política, a prática psicoterapêutica pode ser pensada como uma das práticas que propõe o cuidado e, simultaneamente, guia e influencia os modos como nos relacionamos com as nossas dores. Destaco o trecho “*Lá onde a cultura multiplica os seres que intervêm de maneira invisível na vida das pessoas*” (Despret, 2011, p.7), e destaco a palavra “invisível” adotada pela autora. Com esta palavra, Despret parece chamar atenção para a forma como somos afetados por tais agenciamentos, tais mistos de cultura e política, sem sequer nos darmos conta de tais agenciamentos e suas afetações. Para além disso, segundo esta autora, também os desejamos para que, com eles, possamos dar sentido às nossas questões.

A psicoterapia como uma prática e como uma prática de cuidado conta na composição da nossa cultura e se constitui, ela mesma, de diversos aspectos sociais, culturais e políticos. Uma prática que se performa no agenciamento de múltiplos atores e que também carrega consigo a versão de ser uma prática solitária. Uma prática que se firma no encontro entre duas pessoas, psicoterapeuta e cliente e, ainda assim, se conta como uma prática solitária. Quais agenciamentos se fazem invisíveis para que a versão da psicoterapia como uma prática solitária tenha visibilidade? O que deixamos de lado quando versamos a psicoterapia como uma prática solitária?

Lembro que a prática psicoterapêutica, pela Resolução Normativa 167/2007 da ANS (Agência Nacional de Saúde), pela regulamentação da Lei 9.656/98, reconhece que médicos e psicólogos podem atuar como psicoterapeutas. Durante a jornada da pesquisa, travei diálogo com psicoterapeutas com graduação em Psicologia com uma única exceção para um psicanalista cuja graduação é em Comunicação Social. Psicanalistas atuam em um campo similar ao campo dos psicólogos e seu trabalho é legitimado na área da saúde, no entanto, nem todos os psicanalistas são psicólogos. A história da Psicologia é fortemente atravessada pela Psicanálise. A formação de psicólogos, os cursos de graduação, são, até os dias de hoje, compostos por inúmeras disciplinas relacionadas à Psicanálise. No campo, com essa pesquisa, me deparei com a narrativa de um psicanalista e tomei a decisão de articulá-lo, de incluí-lo nesse trabalho.

Outro aspecto que considero importante destacar nesse ponto, o ponto da psicoterapia que observo e com a qual dialogo, nessa pesquisa, é que ela conta com psicoterapeutas que atuam com diferentes abordagens. Ainda que haja um predomínio de Gestalt Terapeutas (formadas ou em formação) nas interlocuções com o campo, também há participantes que atuam com outras abordagens psicoterapêuticas.

A pandemia transformou as possibilidades de interação com o campo de pesquisa, trouxe o desafio de criarmos novas formas de desenvolver nossas pesquisas. Após a qualificação, de forma inesperada, o campo dessa pesquisa emergiu. Vamos então, à próxima estrela que guia essa jornada, a estrela Simpósio.

2.4 A estrela Simpósio

A história do campo dessa pesquisa é bastante particular. Havia acabado de sair da minha qualificação e, dias depois, tive a oportunidade de mediar uma das mesas do VI Simpósio do Laboratório Gestáltico cuja temática foi “Me conta a tua história: caminhadas de psicoterapeutas iniciantes.” O Laboratório Gestáltico UERJ desenvolve atividades acadêmicas e de extensão universitária para ampliar, produzir e praticar conhecimentos relacionados à Abordagem Gestáltica. O VI Simpósio, um evento desse programa de extensão, foi organizado pelas coordenadoras, Eleonôra Perestrelo e Laura Quadros, junto à toda equipe do Laboratório Gestáltico.

Minha experiência no VI Simpósio era a mediação de uma das mesas, a mesa dois com a discussão “Caminhos diversos na clínica”. Vislumbrava que, naquela mesa, poderia emergir algum conteúdo que se relacionasse com a minha pesquisa. Mas, para minha surpresa, o que vivi foi muito além do que havia imaginado. Ali, sem qualquer questionário de pesquisa, sem qualquer pergunta dirigida, psicoterapeutas narravam suas experiências com a formação em psicologia, com a formação clínica e com a prática clínica. E, ali, livremente, a temática da psicoterapia como uma prática solitária emergiu.

À medida que o encontro se desenrolava experimentei sensações diversas como surpresa, curiosidade, uma certa euforia e a alegria que experimentamos no encontro com aquelas/aqueles que mais do que saberem sobre o que vivemos, experienciam o campo que vivemos. Sentia que o vivido no simpósio era um presente dos céus, ou melhor, das estrelas para a minha pesquisa; um acontecimento que marcava a trajetória desta pesquisa e ao qual não poderia me furtar. Deste encontro com profissionais que generosamente compartilharam suas jornadas como psicoterapeutas, encontro um campo falando sobre ele, contando suas histórias. Ouvir mulheres psicoterapeutas, no simpósio, me fez crer que o que eu experienciava ali era a ciência no feminino (Stengers, 1989) acontecendo.

Localizo essa escrita como um conhecimento marcado e situado em histórias vividas e ouvidas por esta que escreve essas linhas, bem como em experiências narradas por psicólogas e psicoterapeutas palestrantes do VI Simpósio do Laboratório Gestáltico, em uma mesa ao qual eu tive a honra de mediar. São elas: Raline Queiroz, psicóloga formada pela UERJ, Gestalt-terapeuta em formação. Raline atua na ONG Centro de defesa da vida, uma instituição que acolhe mulheres em situação de violência doméstica e familiar. Raline também realiza atendimentos psicoterapêuticos com jovens e adultos. A segunda palestrante a se apresentar foi Ingrid Lima. Ela é formada pela UERJ, Gestalt-terapeuta em formação, pós graduanda em Tradução, interpretação e docência em Libras. Psicóloga clínica, realiza atendimento de crianças, adolescentes e adultos.

Neste simpósio, também houve a participação de duas estrelas fazedoras de histórias, Laura Quadros e Eleonôra Prestrelo, cujas narrativas também são incluídas nessa escrita. Aos que desejarem é possível assistir os conteúdos do simpósio no canal do Laboratório Gestáltico, no Youtube.

Na jornada da pesquisa, também vivi o contato com um outro conteúdo disponível na internet, no Youtube, um vídeo intitulado “A psicologia é uma profissão muito solitária”, do canal Silva4 Treinamentos⁶. Trata-se do encontro de um psicanalista, uma psicóloga clínica e uma estudante de Psicologia para a gravação deste vídeo e, também, de um podcast. Nele estão João Henrique Trainoti, psicanalista clínico, Daniela Dantas, psicóloga clínica especializada em neuropsicologia e Shirlei Ribeiro, estudante de Psicologia. João Henrique é formado em Comunicação Social com ênfase em propaganda e marketing e será o único nessa pesquisa que não tem a graduação em Psicologia.

Há uma sofisticação nesse exercício de pensar o que incluímos e o que excluímos das nossas pesquisas. A decisão de incluir um conteúdo além daqueles relacionados ao simpósio (o vídeo da Silva4 Treinamentos, disponível em um canal, no Youtube) se firma na possibilidade de ampliar as articulações, expandir a pesquisa e a possibilidade de multiplicar versões. Além disso, foi com a experiência do simpósio que pude me articular ainda mais com o campo e me sensibilizar com o que emergia em minhas investigações. Assim, com algumas pesquisas simples na internet, seja no próprio Youtube, em redes sociais e/ou em outros canais, acessei inúmeros conteúdos que proliferam a visão da psicoterapia como uma prática solitária.⁷ E identifiquei que o conteúdo da Silva4 Treinamentos é dirigido, principalmente, ao público Psi (psicólogos, psicanalistas, psicoterapeutas) e conta com uma afirmação categórica que reforça aquilo que ouvi na faculdade e em tantas outras experiências, uma ideia um tanto quanto naturalizada de que a psicoterapia é uma prática solitária. E esse foi um elemento que me capturou, que me conectou a esse conteúdo. Nessa pesquisa, pretendo abrir essa questão, que, para mim, foi apresentada como uma questão fechada.

Os esforços no sentido de dar algum contorno para o campo e para uma questão de pesquisa são como um norte para o exercício de pesquisar, mas não uma definição, uma fronteira enrijecida. Aqui, os contornos principais são o campo

⁶ A Silva4 Treinamentos se apresenta como uma empresa de treinamentos que atua no desenvolvimento do potencial humano. Com uma equipe composta por médicos, psicólogos e terapeutas a empresa oferece treinamentos comportamentais diversos e formações em Programação Neurolinguística, Hipnose Ericksoniana, Coaching entre outras.

⁷ Um exemplo é a matéria da Psicóloga Thaís Carvalho escrita para o site Vero, com o título “Psicologia: uma profissão que requer rede de apoio”. Disponível em: <https://www.vero.com.br/dra-thaiz-carvalho-psicologia-profissao-que-requer-uma-rede-de-apoio/#:~:text=Ser%20psic%C3%B3logo%20%C3%A9%20uma%20profiss%C3%A3o,o%20amadurecimento%20do%20psic%C3%B3logo%20cl%C3%ADnico>.

ao qual me inclino, a psicoterapia como prática, a versão e controvérsia que conta que “a psicoterapia é uma prática solitária”.

Seguindo o lastro de Despret (2004), escrevo a psicoterapia como uma prática com as versões que ela produz, versões múltiplas e, algumas delas, com definições contraditórias e controvérsias:

Para me construir este acesso, eu escolhi cartografar nossas práticas definindo o que elas produziram em termos de versões. Eu escolhi, de início, este termo por duas razões: primeiro porque me parecia, melhor que todos os outros, poder dar conta desta coexistência múltipla de saberes, de definições contraditórias e de controvérsias. Como dar conta da existência de tais controvérsias se não construindo a hipótese de uma multiplicidade de versões da emoção? (p.16, grifo nosso)

Neste exercício de versar COM e não sobre o campo, caminho com o que emerge dele/nele. Acompanho e rastreio suas associações, conceitualmente compreendidas, segundo Despret (*op. cit.*), pela noção de “tradução”: os atores vão deixando seus rastros por onde passam e o que é evidenciado não são verdades absolutas, mas traduções interpretativas, parciais (Haraway, 1995), imperfeitas (Latour, 2000) acerca das múltiplas versões presentes no e do coletivo. Pesquisar, tal qual proposto por Despret, envolve riscos e, em suas próprias palavras, pode envolver equívocos:

Traduzir, segundo o modo da versão, conduz, portanto, a multiplicar as definições e os possíveis, a tornar perceptíveis mais experiências, a cultivar equívocos, em suma, fazer proliferar histórias que nos constituem como seres sensíveis, ligados aos outros, e afetados. Traduzir não é interpretar, é experimentar equivocções. (p.236)

Para Despret (2011), a versão faz proliferar histórias que nos constituem como seres sensíveis, ligados e afetados. E, com a TAR, não há busca de uma melhor versão, ou “a” versão correta, e, sim, o mapeamento e descrição das muitas forças presentes:

A versão, dizia eu, não se impõe, ela se constrói. Ela não se define sobre o registro da verdade ou da mentira e da ilusão, mas sobre aquele do vir a ser: vir a ser de um texto sem cessar retrabalhado e reenviado, vir a ser do mundo comum, vir a ser dos retornos e das traduções. A versão não desvela o mundo mais do que ela o vela, ela o faz existir sob um modo possível. A versão não é o fato de um homem só, ela é fonte e fruto de uma relação, ela é posta em trabalho, no seio de uma relação, ela é negociação disto que se toma, se transforma, se traduz. (p.20)

Versões nos contam de uma vida em conexão, que vivemos em um mundo interconectado, cujos agenciamentos coletivos apontam múltiplas direções e

possibilidades, e onde, segundo Annemarie Mol (2008), nossa realidade é performada pelo atravessamento de uma multiplicidade de instrumentos em diferentes práticas. Com suas pesquisas, Despret e Mol nos falam de um mundo múltiplo, ligado, um mundo de relação e negociação. Articulo as considerações destas autoras à política de escrita dessa pesquisa que se firma na articulação da nossa existência como parte de uma totalidade. Somos feitos das histórias estelares e estamos ligados, conectados uns aos outros, no tecer do tempo.

Essa é uma escrita feita de histórias, das afetações vividas com a pesquisa. Com isso, carrego o desafio de atentar ao que experiencio com o campo, em me perder totalmente com ele, para, em seguida, me reorientar no fluir da pesquisa. Permito-me algum tempo meditando com essa frase de Law (2003):

Na prática, a pesquisa precisa ser confusa e heterogênea. Ela precisa ser bagunçada e heterogênea, pois esse é o caminho. E também, e mais importante, ela precisa ser confusa porque esta é a forma como a maior parte do mundo é: impuro, incompreensível em sua regularidade e rotina. [...]. Clareza não ajuda. Uma disciplinada falta de clareza pode ser o que precisamos. (p. 3)

Confusa e heterogênea. Disciplinada falta de clareza. Sigo a jornada e a escrita iluminada com as palavras de Law.

Em uma pesquisa vivida, encarnada e situada, as afetações com o campo vão acontecendo e progressivamente assumindo forma, ganhando contornos fluidos. Em mim, a experiência com o simpósio foi encantadora, como costumam ser os momentos em que posso parar e observar a beleza do céu. Junto às estrelas Fazedoras de Histórias, Qualificação e Psicoterapia, a estrela Simpósio foi uma importante estrela guia nos destinos dessa pesquisa.

Às leitoras e os leitores que aqui chegaram, guiados pelas estrelas que formaram o Cruzeiro do Sul dessa pesquisa, a seguir, conhecerão outras estrelas. O próximo capítulo é composto das histórias que emergiram com o campo, histórias narradas sem um questionário de pesquisa, sem perguntas dirigidas e que emergiram no VI Simpósio do Laboratório Gestáltico⁸ e, também, em um encontro registrado em vídeo produzido pela Silva⁴ Treinamentos. Ambos conteúdos de vídeo

⁸ O “Laboratório Gestáltico: configurações e práticas contemporâneas” objetiva desenvolver atividades acadêmicas e de extensão universitária com temas que se referem a ampliação, produção e prática de conhecimentos relativos a Abordagem Gestáltica.

estão disponíveis no canal do Laboratório Gestáltico UERJ e da Silva⁹ Treinamentos. Tais histórias atravessam esta escrita como campo desta pesquisa.

⁹ A Silva4 Treinamentos oferece formação em Programação Neurolinguística, Hipnose, Análise Comportamental e também diversos cursos relacionados ao campo da Psicologia. É dirigida por um psiquiatra, um psicanalista e uma psicóloga.

3 ORA DIREIS OUVIR ESTRELAS: O QUE ELAS NOS CONTAM?

Figura 6: *Pálido Ponto Azul* é uma fotografia da Terra tirada em 14 de fevereiro de 1990 pela sonda *Voyager 1*, de uma distância de seis bilhões de quilômetros da Terra, como parte de uma série de imagens do Sistema Solar denominada Retrato de Família.¹⁰



Fonte: Wikipedia, a enciclopédia livre.

¹⁰ https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1lido_Ponto_Azul

3.1 “Uma verdade corajosa e surpreendente”

Estrelas, planetas, meteoros, esteroides, poeiras. Sigo conectada às histórias que o céu nos conta. Retomo aquela que abre essa escrita e diz do nascimento do nosso planeta, a Terra, “*Feita dos restos da matéria que não virou sol e de outras estrelas já defuntas*”. Penso a natureza em seu caráter de transformação onde nada se perde, tudo se transforma, tudo se renova. O pensamento fica um tempo envolvido com essa e muitas histórias que brilham na mente.

Lembro, por exemplo, do famoso poema “Uma verdade corajosa e surpreendente”, de Maya Angelou, em que ela refere a Terra como um “cisco de matéria”. Após algumas pesquisas, li que a inspiração de Maya para a escrita desse poema estaria relacionada com uma foto capturada pelo cientista da Nasa, Carl Sagan, que fora intitulada “O pálido ponto azul”. Esta foto foi tirada ao final de uma expedição espacial, quando o astronauta já estava retornando à Terra. Anos após, em 1994, Sagan lança seu livro “Pálido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço” onde levanta questões tais como “*temos algum tipo de privilégio em relação a outros corpos celestes? Qual deve ser nossa postura perante a imensidão do universo? Faz sentido investir em missões aeroespaciais incertas enquanto ainda somos incapazes de solucionar os problemas que nos afligem todos os dias?*” (Sagan, 1994).

As questões levantadas por Sagan me inquietam e me remetem à muitas discussões vividas em aulas, no curso do mestrado. Rememoro algumas aulas onde discutíamos acerca da noção de política ontológica tal qual ela é tratada por Annemarie Mol (2008). Às voltas com tais pensamentos, reflito acerca das “lentes” desse cientista, em como ele enxerga o mundo e de quais políticas Sagan se vale para refletir o universo e o que ele quer produzir com a ciência que cria. Talvez, nesse seu discurso, ele deixe algumas pistas:

Considere novamente esse ponto. É aqui. É nosso lar. Somos nós. Nele, todos que você ama, todos que você conhece, todos de quem você já ouviu falar, todo ser humano que já existiu, viveram suas vidas. A totalidade de nossas alegrias e sofrimentos, milhares de religiões, ideologias e doutrinas econômicas, cada caçador e saqueador, cada herói e covarde, cada criador e destruidor da civilização, cada rei e plebeu, cada casal apaixonado, cada mãe e pai, cada criança esperançosa, inventores e exploradores, cada educador, cada político corrupto, cada “superstar”, cada “lídere supremo”,

cada santo e pecador na história da nossa espécie viveu ali, em um grão de poeira suspenso em um raio de sol. (Sagan, 1994, em palestra na Universidade Cornell¹¹)

Foi com o curso desta pesquisa que acessei a história de que aquela poesia de Maya que eu tanto gostava teria sido inspirada nos trabalhos de Carl Sagan, mais especificamente, neste discurso do cientista que, aqui acima, cito um pequeno trecho. A poetisa norte-americana, foi uma mulher influente na cultura afro-americana. Maya também foi atriz, cantora, bailarina, escritora, cozinheira, jornalista e defensora dos direitos civis e da igualdade. “Uma verdade corajosa e surpreendente” é um dos seus poemas mais conhecidos mundialmente e foi escrito para a celebração do aniversário de cinquenta anos das Nações Unidas. Abaixo um trecho do poema:

*“Nós, esse povo, nesse cisco de matéria
Em cujas bocas habitam palavras corrosivas
Que desafiam nossa própria existência
Mas dessas mesmas bocas
Podem vir também sons de doçura tão requintadas
Que fazem o coração vacilar no seu trabalho
E o corpo se acalmar em reverência
Nós, este povo, neste planeta pequeno e à deriva
Cujas mãos podem atacar com tanto desembaraço
Que, num piscar de olhos, a vida é extraída de um ser vivo
Entretanto essas mesmas mãos ainda podem tocar com ternura tão
terapêutica e irresistível”
Maya Angelou*

A história da escrita deste poema de Maya é, em minha percepção, uma história do encontro da poesia com a ciência, é uma história que conta que poesia e ciência podem se integrar e, em relação, compor uma à outra. A narrativa cósmica de Marcelo Gleiser, baseada em suas pesquisas em um campo da Física, a Cosmologia, foram inspiração para esse trabalho. O trabalho do astronauta Sagan foi inspiração para Maya Angelou compor um de seus poemas mais famosos, um poema provocador, intenso e profundo em seu pensar a vida e a humanidade.

Povoada com o trabalho científico de Sagan e com o poema de Maya, caminho em meus pensamentos e me conecto às histórias de outra estrela fazedora de histórias. Refiro-me ao conceito de compostagem de Donna Haraway (2019), a sua afirmação de que somos compostagem e não pós-humanos me toca como mais uma das histórias onde me vejo parte de uma totalidade, ligada, unida à muitas

¹¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1lido_Ponto_Azul

espécies, as espécies companheiras e formando com elas a vida, o mundo, tudo o que há.

Donna Haraway com sua proposição “*making kin*” coloca em cena a questão do parentesco e de justiça multiespecífica, questões amplamente debatidas em sua obra. Haraway também problematiza as questões climáticas e ecológicas e o que precisa ser transformado em nossa vida social para que possamos considerar, estimar e incluir a vida de todos os seres, não apenas a vida humana quando pensamos o mundo. Com Haraway, nos pensarmos como compostagem é nos percebermos ligados, conectados à todas as formas de vida. E essa pesquisa se faz, se nutre com esse pensamento.

Ao imaginar a Terra vista pelo cientista, aquele pálido ponto azul frente a tamanha imensidão do universo e, ao mesmo tempo, infinita aos nossos olhos humanos, penso as tantas controvérsias que marcam essa existência nossa. Mas, ora, quais conexões tais histórias estabelecem com uma pesquisa guiada pela questão: será que podemos afirmar a psicoterapia como uma prática solitária enquanto versão hegemônica, na nossa formação?

Uma primeira articulação pode ser feita quando lembramos que esta pesquisa é norteadada por uma compreensão não moderna do social destacada por Latour (2012) e, dessa forma, ela se distancia de binarismos e da segregação de humanos, não humanos, natureza, sociedade. Uma percepção não moderna da sociedade é ver o mundo articulado, interligado e tal percepção pode se distanciar de visões que contem o isolamento, a solidão. Aponto uma fala de Latour, em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, em 1998, que pode nos ajudar a pensar essa questão:

[...] neste fim de século, os próprios ocidentais começam a duvidar dessa característica que os mantinha à parte de todos os outros. Eles também percebem que a natureza não é o exterior da cultura. Eles também começam a compreender que essa venerável distinção já não tem qualquer pertinência. Eles novamente se tornam semelhantes à humanidade comum. Em lugar de romper com a natureza -como no período moderno da industrialização- eles rompem com "a idéia" de natureza. Uma nova fraternidade se estabelece entre os povos tradicionais e aqueles que começam a perceber que jamais foram modernos."

Latour (2012) apresenta o mundo social com suas agregações e fala de um social que não se constitui com separações. Para Latour, os modos de viver são o que nos constitui como sociedade. E é com essa lente não moderna do social que essa pesquisa se desdobra.

Em uma segunda articulação, me alio ao artigo “Contribuições das investigações de Annemarie Mol para a Psicologia Social”, escrito por Moraes e Arendt (2013). Dentre outras discussões, os autores nos dizem que nossas pesquisas fazem existir mundos, performam realidades. E, ainda, que é necessário atentar ao papel estratégico do pesquisador, ao caráter político ontológico presente nas práticas:

Juntar esses termos – política e ontologia – significa dizer que a realidade é efeito, é “performada”. Significa também dizer que o que conta como realidade envolve negociação e trabalho. Assim, o que ganha força é a possibilidade de intervenção, de interferir na composição de mundos, fazendo proliferar versões onde se contem mais e mais atores, onde nem sempre o que se estabiliza é o que interessa. (p.316)

Em mim, as palavras do astronauta Sagan, o poema de Maya, as pesquisas de Haraway, Latour, Moraes & Arendt se encontram. Suas histórias falam de coisas que vão se fazendo, uma trajetória de acontecimentos com influências diversas, onde constituímos e somos constituídos com outros. Trata-se de observar e acompanhar esses vínculos e pensar que a ciência reside no cotidiano da gente, que há ciência nessas vinculações. Tal qual Latour (2016) nos diz:

Eu, evidentemente, não ensino nem uma ciência nem uma técnica (minha capacidade de fazê-lo, aliás, seria mínima), mas sim as ciências e técnicas em suas relações com a história, com a cultura, a literatura, a economia, a política.(p.12)

É a isso que me refiro, nesse ponto. E também as percebo como histórias que nos implicam, que nos chamam atenção ao que colocamos para “circular” em nossas relações, em como afetamos o mundo onde vivemos. As percebo como histórias de ligação, de conexão da humanidade com os céus, da natureza com a sociedade.

Aqui, com essa pesquisa, almejo provocar uma reflexão em que possamos pensar o que emerge e o que colocamos para circular com a afirmação de que a psicoterapia é uma prática solitária. O que significa dizer que uma prática é solitária e que mundos são criados com tal visão? Essas são algumas das questões que movem a jornada dessa pesquisa. Em “Uma verdade corajosa e surpreendente”, penso que Maya vai muito mais além quando nos provoca a pensar o mundo, esta terra da qual somos criados, a terra que criamos e a terra que queremos criar:

Quando chegamos a isso
 Nós, este povo, neste organismo flutuante e instável
 Criados nesta terra, desta terra
 Teremos o poder de modelar para esta terra
 Um ambiente onde todo homem e toda mulher
 Poderá viver livremente sem a hipócrita piedade
 Sem o medo incapacitante
 Quando chegamos a isso
 Teremos o dever de admitir que nós somos a possível,
 A miraculosa, a verdadeira maravilha deste mundo
 E é então, e só então
 Que chegaremos a isso
 Maya Angelou

3.2 O que nos contam as estrelas?

Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
 Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
 Que, para ouvi-las, muita vez desperto
 E abro as janelas, pálido de espanto...
 E conversamos toda a noite, enquanto
 A via-láctea, como um pálido aberto,
 Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
 Inda as procuro pelo céu deserto.
 Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
 Que conversas com elas? Que sentido
 Tem o que dizem, quando estão contigo?"
 E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
 Pois só quem ama pode ter ouvido
 Capaz de ouvir e de entender estrelas.

Olavo Bilac

A escrita com as estrelas surgiu, emergiu em meus esforços de diálogo com o campo, das experiências com a escrita como laboratório. Assim, diria que, com alguma organicidade, ela foi se tornando mais do que uma metáfora parceira para escrita e se desvelou uma política de escrita que marca a articulação da nossa existência como parte de uma totalidade. A pesquisa tem mesmo algo de surpreendente, algo que desacomoda, que nos movimenta para o inesperado. Inspirada nas palavras do poeta, penso que uma pesquisa encarnada se vive com amor, amor que se expressa em um envolvimento intenso com a pesquisa.

Essa é uma escrita iluminada pelo brilho das estrelas e enriquecida com as suas vozes, com as histórias que as estrelas contaram em minha jornada, com a pesquisa. A partir daqui, apresento e dialogo com narrativas que emergiram com o campo. Nelas, há histórias de como psicoterapeutas são afetados pela sua prática e o que podem nos dizer quando pensam a questão da solidão em seu fazer. Com

elas, em alguns momentos, me vi saindo de mim, caminhando para bem distante das minhas percepções iniciais, saindo daquilo que havia “esperado”, projetado para a pesquisa. Em algumas narrativas, minha afetação foi de total identificação. E, em outras, me percebi totalmente enredada e sem saber como me articular com aquilo que emergiu com o campo. Nesses momentos, as conversas com a estrela orientadora dessa pesquisa se fizeram ainda mais essenciais, foram os momentos em que me percebi paralisada, sem saber como seguir em meus diálogos com o campo. Foram essas diversas histórias que me possibilitaram conhecer, observar e dialogar com a pesquisa das mais variadas formas.

A partir desse ponto, apresento histórias que emergiram das narrativas das psicoterapeutas participantes do VI Simpósio do Laboratório Gestáltico, bem como as narrativas dos participantes do vídeo “A Psicologia é uma profissão muito solitária”, da Silva4 Treinamentos. Tais conteúdos estão disponíveis na íntegra, no Youtube. Como partilhado, anteriormente, o campo dessa investigação foi emergindo com o seu curso. A experiência com o simpósio me apareceu como um presente dos céus para a pesquisa. Já a escolha do vídeo da Silva4 Treinamentos se fez com a investigação dos muitos conteúdos disponíveis na internet que portam em si a visão da psicoterapia como uma prática solitária. Há um grande número de conteúdos em plataformas distintas (blogs, redes sociais, Youtube entre outras) que afirmam a psicoterapia como uma prática solitária¹² e associam tal visão à variadas questões. Além de tais associações, há conteúdos que sugerem condutas, manejos e estratégias diversas para que psicoterapeutas possam lidar com esse que é apresentado como um problema na vida do psicoterapeuta, viver uma prática solitária. A decisão pela escolha do vídeo da Silva4 Treinamentos se baseou no fato dele ser conduzido como uma espécie de debate que conta com três pessoas que habitam o campo do fazer psicoterapêutico e que vão partilhando suas percepções, suas experiências.

¹² Cito algumas dessas discussões que foram promovidas nos seguintes canais: 1) Blog diadelab. Reflexões sobre análise do comportamento no cotidiano. A matéria publicada no blog em 23 de Julho de 2021 tem o título “Psicólogo: o que você faz para evitar a solidão profissional?”. Disponível no link <http://blog.diadelab.com/2021/07/23/psicologo-o-que-voce-faz-para-evitar-a-solidao-profissional/> Último acesso em 16 de Maio de 2022. 2) Perfil Instagram Psicóloga Lilian Cortegagna, publicação em 19 de Agosto de 2021 com o seguinte título “Como não ser um psicólogo solitário?”. Disponível em https://www.instagram.com/tv/CSxWFKTrQCf/?utm_medium=copy_link Último acesso em 16 de Maio de 2022. 3) Perfil Instagram Psicóloga Marina S. Tavares, publicação de 10 de Outubro de 2021, com o seguinte título “A Psicologia é uma profissão muito solitária!”. Disponível em https://www.instagram.com/marinatavarespsi/tv/CSaKfsLB-h3/?utm_medium=copy_link Último acesso em 16 de Maio de 2022.

Desperta e atenta às tensões que compõem o campo, no próximo tópico compartilho como fui sendo afetada com suas histórias, com a companhia dos actantes que foram emergindo (Mol, 2002). Nessa jornada, busquei sustentar a abertura às discussões tal qual nos propõe Haraway (2019):

O que tento é não fechar discussões com **rótulos** que silenciam a todos nós. Aplicamos um rótulo e damos por acabado que sabemos o que a outra pessoa é ou pensa, e muitas vezes não é assim. Tento me manter aberta às **alianças**. (Haraway em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos¹³, grifo nosso)

A seguir, apresento “A história de uma estrela solitária”, “A história de estrelas articuladas”, “A história de uma estrela situada” e “A história de uma estrela silenciosa”. Essas são histórias contadas pelo campo dessa pesquisa, histórias com as quais travei diálogo para pensar a questão que move essa pesquisa: será que podemos afirmar a psicoterapia como uma prática solitária enquanto versão hegemônica na nossa formação?

3.2.1 A história de uma estrela solitária

Essa é uma história narrada pelo psicanalista João Henrique Trainoti, fruto de um encontro em que ele, a neuropsicóloga Daniela Dantas e Shirlei Ribeiro, estudante de Psicologia, discutem o tema: “A Psicologia é uma profissão muito solitária”. Tal encontro foi filmado e disponibilizado em um vídeo, no canal do Youtube da Silva4 Treinamentos, empresa a qual João é apresentado como um dos fundadores. A Silva4 Treinamentos oferece cursos e capacitações diversas para terapeutas, tais como Programação Neurolinguística, Hipnose Ericksoniana, Análise Comportamental e Técnicas Terapêuticas. Fica evidenciado que as atividades da Silva4 Treinamentos são dirigidas também ao público Psi (psicólogos e psicoterapeutas), mas não de forma exclusiva. Nesse sentido, seus cursos, formações e capacitações variadas são dirigidas à terapeutas, sendo os psicoterapeutas uma grande parte desse público.

Nesse conteúdo, o psicanalista João se refere diretamente à Psicologia, no começo de sua narrativa, e, em seguida, desdobra seus pensamentos falando da

¹³ <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593253-estamos-vivendo-tempos-extremamente-perigosos-entrevista-com-donna-haraway>

prática clínica. João utiliza uma linguagem e faz referência à várias ferramentas de cunho psicológico. Destaco esses aspectos para que possamos atentar às referências à prática psicoterapêutica junto a um emaranhado de conhecimentos diversos e práticas das mais distintas. Observo como sendo uma controvérsia que emerge com o campo, que conta as muitas disputas e tensões que o compõem. Tal controvérsia não vai ocupar essa pesquisa, no entanto, me parece relevante atentarmos a esse “emaranhamento” e ao que ele conta, como ele se dispersa, se propaga e se integra na constituição de como pensamos, articulamos, percebemos, vivemos e praticamos a psicoterapia como prática.

Elejo o título “A história de uma estrela solitária” para referir as colocações feitas por João e sua percepção da Psicologia como uma profissão solitária:

*A Psicologia em si, falando de consultório. **Ela é uma profissão muito solitária, ela é muito solitária.** As pessoas não entendem. Você conversa o dia inteiro, mas não são com os amigos, não são pessoas que estou me divertindo ali. É um trabalho. Eu estou ali contribuindo com a pessoa. **Assim, você passa 8, 9, 10 horas do seu dia praticamente sem falar com ninguém.** Fechado dentro de um consultório falando com pessoas que estão vindo ali. É uma profissão muito solitária você não tem: ah vamos sair para o happy hour com o pessoal do trabalho... não tem pessoal do trabalho.” (grifo nosso)*

Há aspectos interessantes na narrativa de João Trainotti. Em minha percepção, sua fala carrega uma versão da psicoterapia como prática solitária que se sustenta em aliança com uma outra percepção que aqui chamarei de percepção de corpo isolado. Uma das primeiras coisas que me chamou atenção na Teoria Ator Rede, em meus primeiros contatos e leituras, foi exatamente a ideia de uma constituição de mundo e de existência articulada com atores humanos e não humanos e, que nossos corpos também se constituem em relação, em interação com múltiplos atores. Falarei disso, mais profundamente, em seguida. Aqui, o que anseio é chamar atenção para um contraste alicerçado na noção simétrica de existência da TAR, onde células, proteínas, vitaminas, aparatos tecnológicos, enfim, onde tudo conta como composição e como interação para compor o corpo, seja ele humano e/ou não humano. No entanto, de um outro lado, há uma percepção amplamente difundida socialmente que parece discriminar, basicamente, o que é humano e o que não é humano, que vê o corpo como estando isolado por não estar em contato com um outro corpo humano. Nessa associação, a versão da

psicoterapia como prática solitária se firma numa ideia de que nossos corpos humanos seriam performados sozinhos, isolados em um determinado espaço.

A percepção do corpo isolado, solitário, na narrativa de João, me parece precisar de cisões para se constituir: quem eu quero e quem eu não quero, quem são amigos e quem não são amigos, o que é trabalho e o que é diversão. Nessa versão, se psicoterapeutas conversam o dia inteiro, mas não com pessoas que consideram amigas, isso é entendido como isolamento. Pensando com Despret (2001), o que/quem precisaria ser invisibilizado para que esta versão ganhe força? Em linha com a narrativa de João, o que parece estar em evidência é que se com a prática psicoterapêutica passamos horas do nosso dia em conversas, em interações profissionais, mas essas pessoas com quem encontramos não categorizamos como sendo pessoas amigas, isso se configuraria como estar sozinho. Nesse sentido, uma experiência de solidão seria performada por não estarmos próximos à uma determinada categoria de amizade ou parentesco.

A narrativa de João não é pontual, ao contrário, a versão da psicoterapia como uma prática solitária associada a uma percepção de solidão que se faz com a ausência de relações com pessoas, e também com pessoas específicas, com as pessoas com quem desejaríamos estar, é amplamente difundida. Refiro-me, nesse ponto, ao que me parecer ser uma imagem “clássica” do fazer psicoterapia e do ser psicoterapeuta: um profissional, sozinho, em um espaço como seu consultório, à espera e/ou no atendimento de seus clientes. Creio que a versão da psicoterapia como uma prática solitária trave conexões com uma percepção de que nosso corpo humano se performa isolado, uma versão que conta que estamos sozinhos por não estarmos em contato com outros humanos e/ou mesmo com humanos que nos sejam interessantes. Este vínculo conta quais atores tem ou não tem valor, quais corpos contam e quais não contam quando pensamos a psicoterapia como prática e, além, quando pensamos a vida. Na versão de João, creio que o próprio cliente é invisibilizado por não ser considerado uma pessoa amiga, e que ele aparece, em alguns momentos, referido como “ninguém.” Estar com o cliente, neste entendimento, não contaria como comunhão, união. Vamos à mais um trecho da fala de João:

Você não vai ter isso. Meu chefe falou tal coisa para mim. Fulano do financeiro não aprovou meu negócio, não sei quem do compras... não tem, não temos. Somos nós que estamos ali frente a uma pessoa, então, assim,

é um processo. Além de uma entrega energética, emocional ali, mas é um processo muito solitário que você vai ter que ter tempo para você fazer suas coisas. Eu acho que isso é importante. Eu costumo dizer muito isso... eu tento, por exemplo, marcar minhas sessões com intervalos. Eu tento fazer de três em três, assim, marco três, dou um intervalo de pelo menos uma meia hora... marco mais três... para você ter uma meia horinha ali para você ver o sol. Para você sair, senão, vai parecer que você está em cativeiro até. Você fica preso. Para tomar um café, fazer alguma coisa andar, respirar um pouco, ir no banheiro. Tem muitas coisas ali senão fica entrando numa *vibe*... ainda, quando era presidencial, você ainda saía... eu saía... onde eu atendia eu ia com a pessoa até o fim do corredor, deixava ela lá, voltava. Hoje, não, você só troca o link do Zoom, você não sai do lugar, realmente, você passa o dia na mesma posição. Então, não! Você tem que levantar, fazer alguma coisa. Então, assim, eu preciso falar, primeiro, que é essa profissão solitária. É uma profissão aonde depende muito exclusivamente de você.

A narrativa de João não carrega argumentos desconhecidos, em realidade, como já dito aqui, essa fala é frequentemente reproduzida por alguns psicoterapeutas, psicanalistas como ele e por terapeutas. Mas, há pontos que me intrigam e, aqui, dedicarei atenção a eles.

O primeiro deles é a consideração do trabalho do psicoterapeuta ser realizado de forma individualizada, em consultório particular, com a ausência de outras figuras profissionais, em relação. Quando João refere *“Você não vai ter isso. Meu chefe falou tal coisa para mim. Fulano do financeiro não aprovou meu negócio”* imagino que ele partilha como ele mesmo vivencia sua rotina e, talvez, como projeta que outros psicoterapeutas viveriam suas rotinas. É legítimo que esse ordenamento, onde psicoterapeutas estão em um consultório particular, atendendo seus clientes, pode contar como a psicoterapia se firmou em seus moldes mais tradicionais, ao longo do tempo, e como a enxergamos socialmente. Ainda hoje, em conteúdos de arte ligados à psicoterapia, tais como séries de TV, é comum que essa espécie de modelo seja retratada: psicoterapeutas atendendo seus clientes, em um espaço que pode ser sua própria casa, algo que é relativamente comum em alguns países, como os Estados Unidos, por exemplo; e/ou em um espaço comercial. Em ambos contextos, o cenário envolveria, basicamente, o encontro do psicoterapeuta, em um espaço de consultório e à espera de seu cliente.

A questão é que, nos últimos anos, diria que muita coisa mudou nesse “clássico” da prática psicoterapêutica. Hoje, psicoterapeutas compartilham salas comerciais para realizarem seus atendimentos; clínicas que oferecem sessões de psicoterapia com atendimento por convênios e planos de saúde se proliferaram e, hoje, há um sem número de novas empresas, como as plataformas de atendimento

psicológico online, por exemplo, cujo modelo de negócios gira em torno da oferta de sessões de psicoterapia. Com a pandemia, esse campo foi afetado de novas formas e segue se remodelando. Hoje, assim como eu, muitos psicoterapeutas que atuavam em sessões presenciais, com a pandemia do Covid-19, passaram a atuar exclusivamente de forma online. E isso vem engendrando novas experiências.

Uma pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Psicologia, em 2012, “Efeitos do feminino no exercício profissional”, pode ajudar nessa discussão. Numa amostra de 1331 psicólogas, seguindo os dados da pesquisa do CFP, 53% atuavam exclusivamente como psicólogas, a maior parte em atividades relacionadas à área da saúde (45%) e o local onde a maioria afirmou exercer sua atividade principal¹⁴ de trabalho foram os consultórios particulares (34%). Ao relatarem as atividades que desempenhavam, no consultório, as entrevistadas sinalizaram desempenhar atividades diversas, não somente sessões psicoterapêuticas particulares, suscitando os seguintes questionamentos à pesquisa:

Esse resultado colocou uma pergunta que não pode ser respondida no âmbito desta pesquisa. Será que se trata de uma atribuição de um novo sentido ao trabalho de consultório? Além disso, mais um sentido à Psicologia? Isso traduz uma mudança de paradigma? Ou haveria aí também um efeito dos convênios e planos de saúde, que incluem o psicólogo enquanto prestador de serviços “de saúde”? Pode-se pensar, nessa perspectiva, que os rendimentos dos psicólogos que trabalham principalmente em seu consultório provêm de convênios e planos de saúde e não de atendimentos particulares? E, talvez, que realizam outras atividades mais rentáveis, não-clínicas, utilizando para isso o espaço de seu consultório? (Lhullier, 2013, p. 10)

Segundo a pesquisa do CFP, o consultório psicológico e as práticas psicológicas realizadas, nesse espaço, teriam ganho novos contornos, novos sentidos e novas possibilidades, nos últimos anos. Retomo, então, a fala de João: “*Você não vai ter isso. Meu chefe falou tal coisa para mim. Fulano do financeiro não aprovou meu negócio*”, para considerar que a percebo invisibilizando as muitas possibilidades de promoção da prática psicoterapêutica. Acredito que uma psicoterapeuta que presta serviços para um plano de saúde, por exemplo, pode se queixar por não ter sido paga pelo Financeiro do plano que glosou o seu faturamento e não lhe pagou. E, ainda, que uma psicoterapeuta pode findar o dia referindo os desafios de compartilhar uma sala comercial com outros psicoterapeutas, seja por conflitos com o tempo de atendimento, limpeza do espaço, pagamento do aluguel, entre tantas outras coisas. Além, que uma psicoterapeuta possa ir para um *happy*

¹⁴ A pesquisa define como atividade principal de trabalho a atividade onde há maior remuneração financeira.

hour, ao final do seu dia de atendimentos, com colegas da clínica ou da consultoria ou da empresa onde trabalha. Que uma psicoterapeuta pode findar o dia frustrada por ter sido mau avaliada por um atendimento prestado em uma plataforma de atendimento online onde presta serviços.

O que almejo contrastar é como a fala de João me aparece impregnada por uma espécie de modelo da prática psicoterapêutica onde há, de um lado, uma figura detentora do saber, que gere todo o espaço do consultório de forma individualizada, e, do outro, clientes. A fala de João me faz pensar um contraste entre uma figura ativa, o psicoterapeuta, e uma pessoa passiva, o cliente. Será essa a única forma de atuação?

Um segundo ponto que me parece relevante para discussão é quando João levanta a importância das pausas e do descanso, na prática psicoterapêutica. Zelar a saúde física e psíquica é um aspecto importante para todos nós, no que quer que façamos. Para tal, precisamos atentar e regular nosso corpo de forma que nossas necessidades vitais não sejam negligenciadas. As pausas, numa atividade laboral, nesse sentido, são uma necessidade humana, um aspecto importante para qualquer fazer com o qual nos envolvamos, seja ele uma atividade laboral ou não. A própria consideração da necessidade de pausas, quando o psicanalista se refere aos atravessamentos da pandemia de Covid-19 e a transição para o atendimento online, creio que se pauta numa regulação organísmica, como forma de não viver o fazer psicoterapêutico em um modo automático, robotizado. Mas, ora, isso seria uma especificidade da prática psicoterapêutica? Algo que conferiria alguma particularidade a esse fazer ou mesmo aqueles que o praticam?

Há, ainda, um outro aspecto relevante nessa temática que está presente na fala de João. Refiro-me à não distribuição das responsabilidades de cuidado do consultório com outras pessoas, que tais atribuições estariam centralizadas na figura do psicoterapeuta. Penso que essas tarefas variadas, administrativas, financeiras, previdenciárias etc. só emergem a partir do estabelecimento de uma relação, a relação do psicoterapeuta com o seu cliente. Essas questões só emergem na prática, esse fazer só existe quando vivemos o encontro com clientes, o que, em alguma instância, pode ser pensado como uma experiência de abertura, de exposição. Sem clientes o fazer psicoterapêutico e todos os seus desdobramentos existiriam?

Além disso, atualmente, não é incomum que psicoterapeutas contratem serviços diversos para seu suporte tais como serviços contábeis, de secretariado, de marketing entre outros. O que levanto, com tal observação, é que ainda que sigamos em linha com as reflexões do psicanalista e percebamos que psicoterapeutas possam ser os únicos responsáveis por tarefas diferentes relacionadas ao seu fazer, estar e realizar tais tarefas sozinho não seria, nos dias de hoje, necessariamente, uma regra, muito menos exclusividade desse ofício. Da prestação personalizada de serviços às plataformas que automatizaram toda sorte de tecnologias para a administração de consultórios de saúde, hoje, psicoterapeutas contam com um vasto mercado que emergiu exatamente com a finalidade de suportar esses profissionais na manutenção de seus espaços e na gestão de seu fazer. Tais aparatos tecnológicos formam uma hibridização de humanos e não humanos, nesse fazer do consultório, e são mais uma expressão de uma vida social onde humanidade e tecnologia estão inexoravelmente interpenetrados. Ora, a conexão humana com não humanos, com a tecnologia, contaria como relação? Como performar a prática clínica sem celulares, computadores, colírios, elevadores, aplicativos de mensagens instantâneas etc.?

Para pensar o corpo humano como corpo isolado parece ser preciso segregar, discriminar o que conta e o que não conta, o que tem e o que não tem valor quando pensamos o mundo e, também, quando pensamos a psicoterapia como prática. Parece ser preciso segregar o que é pessoal do que é profissional, segregar o que é público e o que é privado, o que é obrigação e o que é lazer, o que é prazer do que é trabalho. A percepção do corpo humano que se performa isoladamente parece se orientar por uma categorização onde o corpo que é estimado, valorizado é o corpo humano, os não humanos não contariam. Tal versão parece se sustentar com esforços que deslegitimam a presença de alguns atores em detrimento de outros.

A narrativa de João parece contrastar com o que nos falam Annemarie Mol e John Law (1995). Segundo estes autores, materialidades e sociabilidades existem tão somente em interação e conexão, portanto, considerando tal perspectiva, não há psicoterapeuta que esteja sozinho, pois não há corpo que se performe sozinho, de fato. Enquanto prática a psicoterapia se constituiria em uma rede performada por múltiplos atores, ela só existiria em interação, em relação.

Para Mol, é na conjugação de materialidades e sociabilidades que a nossa realidade se perfaz. Em seu artigo escrito junto com John Law (1995), *Notes on Materiality and Sociality*, os autores exploram, essencialmente, que materialidade e sociabilidade não são estanques e separados, mas, ao contrário, existem apenas em conjugação, em relação, um produz ao outro em interação. Para Mol e Law (1995, pág. 278) *“As pessoas têm obturações dentárias, óculos, drogas, marca-passos, preservativos, despertadores (...). E as máquinas têm condutores, pilotos, utilizadores, pessoal de serviço, desenhistas, vítimas, espectadores (...). Não há, com isso, coisa menor, desimportante ou insignificante, tudo é elemento de composição daquilo que percebemos e vivemos, no mundo. Um mundo onde objetos ganham sentido a partir de contornos fluidos, em conexões e desconexões e reconexões. Como o mundo visto pelos olhos do poeta Manoel de Barros (2016): “As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis / Elas desejam ser olhadas de azul (pág. 18).”*

Em uma perspectiva poética diria que a Teoria ator-rede olha para as coisas, para os objetos, com o azul de Manoel. Inclui e, ao mesmo tempo, liberta os objetos, os não humanos do reducionismo utilitário, da ilusão de soberania humana. As proposições de Latour e os estudos de feministas como Mol e Donna Haraway expandem tais considerações para além da vida humana por considerarem todas as vidas, a vida de toda e qualquer espécie como importante, digna e valorosa, incluindo os não humanos. Em minha percepção são projetos políticos e éticos onde a noção de simetria é alicerçada cronicamente com todos os atores. São reflexões valiosas para pensarmos a psicoterapia como uma prática que engendra inúmeros atores, onde o psicoterapeuta e seu corpo são partes que criam e, simultaneamente, são criados com o agenciamento de muitos elementos sejam eles humanos e/ou não humanos.

Com Mol e Law, creio que podemos pensar a prática psicoterapêutica como um fazer performado com agenciamentos diversos, não podendo ser reduzida ao corpo humano do psicoterapeuta, corpo este que, com esses autores, também só se configura em relação. Olhando com as lentes de Mol e Law, todos os elementos contribuem para performar o fazer. Tudo mesmo, até aquilo que os olhos humanos não conseguem enxergar. Penso ser esta uma percepção que dá visibilidade, que lança luz para diversos atores, humanos e não humanos, que se aliam para

performar o que chamamos de vida. Ao meu ver, tal percepção expande, amplia nossa forma de ver e de nos relacionarmos com a psicoterapia como uma prática que se constitui com atores humanos e não humanos em relação, sempre. Com as lentes de Mol e Law, sinto que não estou sozinha em minha prática como psicoterapeuta.

3.2.2 A história de estrelas articuladas

Essa é uma história cujas articulações se desdobram das narrativas das psicoterapeutas Raline Queiroz e Ingrid Lima. Ambas são psicólogas e Gestalt Terapeutas em formação, ambas são formadas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Raline e Ingrid palestraram no VI Simpósio do Laboratório Gestáltico e, nesse encontro compartilharam muitas das suas histórias. Juntas, observo que elas contam como é viver a psicoterapia como uma prática articulada:

Raline Queiroz

Não faça da clínica um lugar solitário. Faça networking, participe de supervisão, grupo de estudos (...) então, os grupos são extremamente importantes para a gente compartilhar as dores e as delícias de ser psicólogo. (grifo nosso)

Ingrid Lima

E uma coisa que eu queria muito falar aqui é que a psicologia clínica ela não se faz sozinha, você não precisa fazer a psicologia clínica sozinha, você pode fazer com outras pessoas. O além do currículo que acaba te dando forças e que você contribui também para o além do currículo, que são essas pessoas. O além do currículo, também muitas vezes são os professores que você leva junto. Por exemplo, eu ainda de vez em quando mando mensagem para Laura super pedindo socorro: Laura me ajuda?! Tem um outro projeto do laboratório gestáltico que dá supervisão para quem faz atendimento social para quem faz atendimento em ONG, são outras formas que tem de a gente buscar não estar sozinho na psicologia clínica. (grifo nosso)

Mas, a clínica individual ela não se faz sozinha, não se faz. Ela se faz com muita gente. Ela se faz com você, com sua terapia, com a sua supervisão, com a intervenção.

Nas histórias de Raline e Ingrid uma palavra me chamou atenção, uma certa recorrência no emprego do verbo “fazer” em suas narrativas. A forma como ambas contam a prática clínica com emprego do verbo “fazer” me toca como conexão com uma outra forma de versar o corpo, uma versão de corpo articulado. Suas narrativas

carregam uma ideia de um corpo que é feito com articulações (ou sem). Na narrativa das psicoterapeutas, o “corpo” da prática clínica se faz um lugar solitário ou não se faz um lugar solitário a partir das articulações travadas por seus fazedores psicoterapeutas. Nesse sentido, a psicoterapia não seria “nada” à priori, ela iria sendo configurada a partir da forma como seus fazedores, psicoterapeutas, a manejam, como interação com seus campos de relação. E ambas, estimam e chamam atenção em suas palestras para a importância de psicoterapeutas viverem o seu fazer como uma prática articulada, uma prática que engendre relações, comunhão, cooperação.

Raline e Ingrid, afirmam a importância de psicoterapeutas promoverem o seu fazer alicerçado em relações, que se vinculem em redes que possam lhes agregar articulações importantes para seu corpo de psicoterapeuta, e, eu diria, que também para “encorpar” o fazer psicoterapêutico. Essas alianças seriam estabelecidas no relacionamento com demais colegas de profissão, com trocas diversas, com a supervisão e a psicoterapia individual. Espontaneamente, Raline e Ingrid falam desse corpo “articulado” do psicoterapeuta e do fazer psicoterapêutico, desse fazer que se dá com e para além do encontro com o cliente e que se constitui com o agenciamento de muitos atores. As falas de Raline e Ingrid estão alinhadas com algumas noções caras à Teoria ator-rede, encontrando ressonâncias com a proposição de um *fazer* clínico na Psicologia apresentado por Laura Quadros (2021).

Essas jovens psicoterapeutas não parecem preocupadas em empregar uma narrativa norteada com a TAR mas o fazem, quando falam de como “fazemos” a prática clínica. Considero que suas narrativas falam de um lugar articulado, falam das relações de atores que agem e são levados a agir. Diria que, sem intencionar, Ingrid e Raline se aproximam de uma noção amplamente difundida e cara às produções da TAR, o “faz-fazer”, que conta que os atores tem agência, que se articulam formando um campo de forças e que todos os atores importam na composição da rede.

Durante a escrita, pensando essa história, um aspecto ganha minha atenção, a formação de Raline e Ingrid. Ambas foram alunas da graduação em Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Penso, então, em como as duas psicólogas teriam sido afetadas, em sua formação, em uma instituição que é pioneira na história das ações afirmativas no ensino superior brasileiro, como a

UERJ. Penso como foram afetadas pela instituição, pelo que circula com e pela instituição, por seus professores... Cito uma outra fala de Ingrid:

[...] Então, a UERJ ela me deu inúmeras oportunidades de estágio, de currículo, de aprendizado... mas teve uma coisa que a UERJ super me deu que estava além do currículo, que eram, por exemplo, as conversas de corredor. Nossa, como essas conversas assim foram importantíssimas para mim em todos os sentidos! Nos momentos de angústia, nos momentos de desabafo, nos momentos de alegria. Por exemplo, não chegou o tempo das sua supervisão ainda, você tá cheio de dúvidas, e você pára num corredor encontra seu amigo, vocês começam a conversar sobre aquilo ali e o quanto que vai desenrolando e o quanto que vai te dando clareza... Ou está com uma dificuldade uma disciplina, dificuldade, às vezes até na vida, e o quanto que é aquele momento assim é super importante para sua formação[...].

A história das estrelas articuladas me levou a pensar a instituição onde elas se formaram e sua historicidade; o “faz-fazer” em suas narrativas me afetou como pistas da circulação da TAR em suas jornadas, na academia. A UERJ abriga professores que, há alguns anos, são referências no campo de ciência, tecnologia e sociedade e, mais precisamente, na Teoria Ator Rede. Raline e Ingrid tiveram experiências em diversas atividades da universidade, tais como o estágio em Gestalt Terapia, grupos terapêuticos, as ações do próprio laboratório gestáltico entre outras. Raline e Ingrid tiveram como professoras e supervisoras mulheres como Eleonôra Prestrelo e Laura Quadros, duas mulheres que, há anos, se dedicam à educação, à produção de conhecimento nas áreas da Psicologia, da Gestalt Terapia, também seguindo e nutrindo o lastro das pesquisadoras feministas e da TAR.

Penso nesse “lugar de fala”¹⁵ de Raline e Ingrid e nos afetos que circulam com suas narrativas. Quando Ingrid fala do “além do currículo”, aquelas conversas de corredor como um aspecto, em sua percepção, importante para sua formação, penso o que as tais conversas contam do lugar, das pessoas, das relações, dos vínculos como eles se dão ali. Sua fala me afeta como um relato de experiências de cooperação e empatia. Para além, que contam experiências que não ganham visibilidade como uma formalidade acadêmica, mas que tem um papel importante para a formação profissional.

¹⁵ O conceito de “lugar de fala” possui diversas origens e é usado em diferentes contextos. Utilizado por autores como Bourdieu, Foucault e Butler, foi popularizado, no Brasil, por Djamilia Ribeiro. Para esta última autora, e, em linhas gerais, o lugar de fala se trata do lugar que o indivíduo ocupa nas relações sociais de poder.

Quando Raline e Ingrid falam em “não fazer” da clínica um fazer solitário, em minha percepção, elas chamam atenção para os mundos que criamos com a nossa prática, para um aspecto ontológico. Elas atentam para como vivemos a nossa prática, atentam para o que a prática faz fazer e nossa atuação nessa relação, a nossa responsabilidade, onde compomos e somos compostos com esse fazer.

Lembro Latour que em “Como falar do corpo” define “*o corpo como uma interface que vai ficando mais descritível quando aprende a ser afectado por muitos mais elementos.*” (2008, pág.39). Com seu texto, Latour me desperta uma sensação de corpo que se faz em progresso, que vai se performando à medida que vai sendo afetado. Com as experiências vividas na prática clínica, meu corpo de psicoterapeuta foi sendo progressivamente afetado e transformado bem como o “corpo” do meu fazer psicoterapêutico. Não me refiro somente à uma questão de amadurecimento, mas ao agenciamento das pessoas, os humanos, e dos não humanos, dos objetos e dos conhecimentos, presentes em minha prática, que foram me acompanhando, ao longo do caminho, e, junto comigo cocriando a prática psicoterapêutica e a psicoterapeuta que sou. Em minha percepção, Raline e Ingrid articulam suas experiências, percebem como vivências diversas em suas jornadas como estudantes foram e são, até os dias de hoje, importantes para sua formação e para a psicoterapia que praticam.

Nessa versão, psicoterapeuta e a prática vão se constituindo mutuamente, em articulações, desarticulações, arranjos e rearranjos que se movem e mudam, com o tempo e as experiências. Sensível e afetada em um campo de tensões, a psicoterapia como uma prática, nessa versão, se constitui com uma multiplicidade de fenômenos, com estabilizações e desestabilizações, não podendo ser resumida a um fenômeno único.

3.2.3 A história de uma estrela situada

Percebo a narrativa de uma estrela fazedora de histórias, Eleonôra Prestrelo, na ocasião do VI Simpósio do laboratório gestáltico, como estando relacionada às falas das palestrantes Ingrid e Raline. Eleonôra Prestrelo é uma estrela importante em minha formação como psicoterapeuta e, também, como pesquisadora. Com suas aulas, na formação clínica em Gestalt terapia, seus textos e em meu estágio docente, no curso de mestrado em uma disciplina que também era facilitada por ela,

enfim, com sua atuação como professora, escritora, pesquisadora e formadora de psicoterapeutas, eu e outros psicoterapeutas crescemos com seus ensinamentos. Raline e Ingrid também foram afetadas por seus ensinamentos, também são estrelas cujos corpos se articularam aos ensinamentos e partilhas com Eleonôra.

Como coordenadora do Laboratório Gestáltico, Eleonôra esteve presente nas atividades do VI Simpósio Gestáltico e, também, colaborou com as discussões da mesa dois. Desta ocasião, destaco esse trecho em sua narrativa:

*Essa coisa de que vocês, nas duas falas de vocês disseram, que a gente não faz uma clínica sozinho...para mim, é fato que a gente não é ninguém sozinho. A gente não faz nada sozinho. Essa noção de “eu eu eu eu eu, porque eu” isso é uma falácia! Nós somos seres interdependentes. Como essa plaquinha aqui fala nós somos somas. Agora, que somas? O que é que nós, é... nessa dinâmica, **nessa clínica o que colocamos para somar é o que nos faz peculiares.**” (grifo nosso)*

Apontando para uma placa que compõem o espaço em que se encontra, naquele momento do simpósio, e que conta com a frase “Nós somos somas”, Eleonôra nos convoca a pensar o que colocamos para somar em nossas relações. Além de compartilhar sua percepção de que mundo e vida se fazem com relações, que a vida se constitui em interdependência, Eleonôra chama atenção para como interagimos com nossas relações. Sua fala me remete às provocações da orientadora desta pesquisa, em nossos encontros: “que história você irá contar em sua pesquisa? Que mundo você cria com a sua pesquisa?”

Suas colocações, na ocasião do simpósio, me afetaram como uma sensibilização para os aspectos éticos e políticos que marcam as nossas práticas, que marcam nossas vidas. Tratam-se de reflexões do caráter político ontológico das nossas práticas. As palavras de Eleonôra, em especial a palavra “interdependentes”, me provocou no curso da escrita da pesquisa a lembrança das discussões vividas no mestrado acerca do tema do cuidado e da ética do cuidado.

Ao revisitar meu diário de campo, localizo alguns registros feitos a partir da leitura de textos e de trocas, em aulas, acerca da questão do cuidado. Nele, encontro a história da antropóloga Margareth Mead, uma história amplamente difundida nos debates ligados ao cuidado. Questionada por um aluno acerca do que seria o primeiro sinal de civilização, em uma cultura, Margareth teria respondido que seria um fêmur fraturado de quinze mil anos, encontrado em um sítio arqueológico. O que a antropóloga relata é que para que uma pessoa cujo fêmur foi quebrado ter

sido curada, ela precisaria ter sido cuidada. Para Margareth Mead, a medida de que estamos nos civilizando seria orientada pelo cuidado, pelo cuidar uns dos outros.

O cuidado pode ser pensado como constitutivo do laço social e é, ele mesmo constituído a partir das relações. Cuidado, em um sentido ampliado é considerar o outro, considerar que somos seres interdependentes, assim como Eleonôra nos diz. A partir da fala de Eleonôra e com o desenrolar da pesquisa e da escrita, penso a psicoterapia como uma prática de cuidado, um cuidado que é ético e que é político. Destaco o cuidado tal qual ele é debatido nos trabalhos de Carol Gilligan (1997) e Annemarie Mol (2008) para essa reflexão.

Para Gilligan (1997), o cuidado é o que constitui as relações sociais, o que constitui a existência das pessoas, no mundo. A ética do cuidado de Gilligan é uma ética humana, uma ética que tem por valor a interdependência humana e não humana:

Em meio a uma estrutura patriarcal, o cuidado é uma ética feminina. Em meio a uma estrutura democrática, o cuidado é uma ética humana. A ética do cuidado feminista é uma voz diferente em meio a cultura patriarcal porque ela junta razão com emoção, mente com corpo, self com relacionamentos, homens com mulheres, resistindo às divisões que mantêm uma ordem patriarcal. (GILLIGAN, 2011, p. 22).

O cuidado sem gênero começa a ser debatido na década de sessenta, envolvendo novas formas de olhar para as relações sociais. Nesse momento, o cuidado passa a ser pensado em sua importância para o público, em seu valor para o social, não somente para a vida privada. Para Gilligan, uma ética do cuidado dissociada das questões de gênero é essencial para uma sociedade mais igualitária.

Outro registro do diário, a leitura de *The logic of care: health and the problem of patient choice* (2008), conta com a forma de pensar o cuidado por Annemarie Mol. Em sua pesquisa sobre o tratamento da diabetes, em um hospital holandês, Mol reflete como corpos são cuidados, em diferentes cenários e circunstâncias, envolvendo os mais variados atores. Mol promove uma pesquisa em que acompanha como as práticas são performadas, como as articulações tecidas criam realidades. Mol apresenta sua percepção de corpo performado, atuado em conexões sempre parciais, locais e em constante transformação. Sinto sua escrita situada como um passeio entre suas afetações, seus conflitos e embates com o campo, um

esforço da autora em ir mais à fundo no tocante a reflexão e exposição da sua lógica do cuidado, seu tema central, no livro.

Em uma das passagens de seu livro, Mol afirma “*Mas a cidadania não é apenas uma questão de regulação dos assuntos do estado, ela também imprime uma forma específica nas relações entre as pessoas.*” (2008, p. 29, tradução livre). A tecitura política econômica ocidental aparece como ator importante para pensarmos as lógicas propostas pela autora. Em contraste com a lógica do cuidado, a lógica da escolha segundo Mol, está relacionada a aspectos, habitualmente, valorosos nos modelos democráticos, presentes no Ocidente, tais como individualidade, autonomia, padronização, responsabilidade individual, uniformização, autossuficiência entre outros, que se desdobram em práticas de saúde que performam um ideal de escolha individual. Mol problematiza a ideia de que o paciente é autônomo frente a sua doença, que pode escolher como atuar no tocante ao seu tratamento e eleger a melhor conduta frente o seu quadro. Ela responde que não somos tão autônomos como queremos crer, no Ocidente. E, ainda, aponta o caráter um tanto quanto opressor que o ideal de escolha pode acionar naquele que, talvez, sem recursos (intelectuais, emocionais, sociais etc.), enfim, sem “preparo” é colocado arbitrariamente num lugar de tomada de ação frente ao seu adoecimento.

Mol apresenta inúmeros atores que emergem, nas suas observações, retirando o paciente de uma condição de domínio e controle sendo, com isso, a ideia de escolha uma perspectiva limitada ou ilusória, uma prepotência humana de domínio, quem sabe?! É, certamente, uma problematização que confronta inúmeras narrativas, descritas por Mol, que tratam práticas de cuidado, em saúde, a partir de uma noção, de um ideal de escolha. Mas, o que seria, então, a lógica do cuidado tal qual Mol a explicita? Sinto que a complexidade da lógica do cuidado defendida por Mol reside em uma lógica que escapa, que foge ao usual, ao previsto, aliás, previsibilidade seria um mérito para o ideal de escolha e não para a lógica do cuidado. Esta última porta em si um deslocamento, uma ruptura e uma abertura e performa todos os atores em seu potencial de articulação e atuação. Na lógica do cuidado, o paciente é ativo, os profissionais são ativos, materiais e tecnologias são ativos, enfim, é sobre considerar todos os atores em sua potência, performando práticas orientadas ao cuidado, juntas.

O desafio para todos os envolvidos reside exatamente no ponto da desarticulação com o que se entende por cuidado, como normatividades, limitações.

É, para o profissional de saúde, por exemplo, o desafio de manejar as experiências com as quais ele se depara escapando de uma necessidade de domínio e controle das situações e portando em si, o compromisso de promover o bom cuidado. Gosto, particularmente, dessa colocação de Mol para pensar a psicoterapia como uma prática de cuidado:

Na lógica do cuidado, o ato moral crucial não é fazer juízos de valor, mas empenhando-se em atividades práticas. Há apenas uma única camada. É importante fazer o bem, para tornar a vida melhor do que seria de outro modo. Mas o que é fazer o bem, o que leva a uma vida melhor, não é dado antes do ato. Tem de ser estabelecido ao longo do caminho. Pode diferir entre vidas, ou entre momentos de uma vida. (p.75)

Com tais colocações, considero que Mol “localiza” o cuidado no ato, na prática e numa prática que vai se fazendo com o caminho. Nesse sentido, não há um “fazer o bem” à priori, o que é bom e o que fará algum bem vai se apresentando; a prática não é “à priori”, ela vai se performando. Podemos entender, que o cuidado proposto por Mol não categoriza atores como mais ou menos importantes, ao invés disso, os convoca todos para a cena para performarem o bom cuidado. Cuidado em Mol é presença, disponibilidade, condição de possibilidade e é abertura. E também é movimento.

A lógica do cuidado se constitui orientada por um fazer ético. Também, mas não somente, em suas colocações, Eleonôra nos provoca a pensar a ética que criamos com nossa prática: somos somas, vida é interdependência, e o que colocamos para somar é o que nos faz peculiares.

O contato com as reflexões de Mol, em minha percepção, nos sensibiliza a pensar o que entendemos por cuidado, como vemos e vivemos práticas de cuidado. Para os que atuam como profissionais de saúde creio que haja uma afetação particular que se orienta no sentido de pensar como promover o cuidado, como favorecer o bom cuidado. Segundo Mol:

O meu argumento é que a tradição dos cuidados contém repertórios mais adequados para lidar com a vida com uma doença. Em vez de os frustrar ao sonhar com a escolha, seria mais sensato tentar melhorar os cuidados nos seus próprios termos. Nos seus próprios termos. Mas em que língua falar de cuidados e das suas especificidades? O ideal de bons cuidados é silenciosamente incorporado nas práticas e não fala por si. Dado que está sob ameaça, é tempo de o pôr em palavras. (2008. p. 2)

Ora, como essa história, a história de uma estrela situada, pensada com narrativa de Eleonora Prestrelo, no VI Simpósio do Laboratório Gestáltico, se articula à questão que move essa pesquisa: se podemos afirmar a psicoterapia como uma prática solitária enquanto uma versão hegemônica, na formação de psicólogos e psicoterapeutas? A fala de Eleonora me toca como uma versão, como uma forma de versar a Psicologia e, também, nas palavras dela, a prática clínica. Essa seria uma versão que conta que não fazemos clínica sozinhos, que, em realidade, não fazemos nada sozinhos. Uma versão que se fundamenta com o conhecimento situado, encarnado e envolve a compreensão de sermos a soma de atores diversos, seres interdependentes. Uma versão que inclui os aspectos éticos e políticos que compõem e marcam as nossas práticas. Tal qual Mol refere no tocante à lógica do cuidado, creio que essa seja uma versão que inclui viver com a prática, olhar a prática em como ela vai se fazendo, em como ela vai se desdobrando, com a vinculação dos mais variados atores. Nesse sentido, ela não “é” nada, ela vai sendo a medida que vai se performando, ela vai se tornando peculiar com aquilo que está ali, na vida, nas práticas.

Como dito, anteriormente, Mol desenvolve sua pesquisa sobre o cuidado a partir de suas experiências em um hospital holandês. Escrevendo, nesse ponto, me veio à memória o encontro com uma cliente psicóloga que, havia alguns anos, trabalhava em um hospital, no Rio de Janeiro. Em minhas memórias da escuta clínica em nossos encontros, lembro de sua enorme paixão pelo seu fazer, mas, também do seu sentimento de desamparo em suas experiências profissionais. Ela referia o seu sentimento de não pertencimento naquele meio, seu sentimento de invalidação do saber psicológico no ambiente hospitalar e os inúmeros esforços que acreditava precisar imprimir como forma de legitimar o seu saber e o seu fazer naquele espaço que ela sentia ser marcado por segregações.

Na escuta clínica, com essa cliente psicóloga, ela relatava uma solidão que se performava ao se perceber como a única psicóloga contratada em um hospital de médio porte, do Rio de Janeiro. Narrava sua solidão nas reuniões multidisciplinares, as chamadas salas de *round*, onde as tensões entre os profissionais mesclavam, em suas lentes, disputas de espaço, de poder, de legitimidade do saber e do fazer. Ela, portadora do saber psicológico, a única psicóloga em uma equipe formada majoritariamente por médicos, relatava os momentos em que sentia seu conhecimento e prática desqualificados, invalidados e excluídos de uma dimensão

de relevância no tocante às suas experiências práticas, naquele hospital. Sua queixa me afetava, não somente, mas, também, como um sofrimento que se orientava com a invalidação do saber e práticas psicológicas, no ambiente hospitalar.

Naquela experiência, a solidão que ela referia estava associada à falta de parcerias com profissionais da mesma área de conhecimento, a Psicologia, e, também, associada à deslegitimação do conhecimento psicológico, no campo hospitalar. Em alguns dos nossos encontros, já conhecedora do trabalho de Mol, compartilhei com essa cliente como, em suas práticas, ela se deparava com muito do que Mol descreve em *The Logic of Care*. Compartilhei que crer e promover o bom cuidado poderia ser desafiador, mas que ela portava alguns elementos favoráveis ao bom cuidado como sua disponibilidade e interesse à singularidade de cada um dos seus pacientes, no hospital. O trabalho de cuidado dessa psicóloga precisaria se alicerçar em um contínuo recalçar¹⁶, em atentar a cada experiência e suas muitas possibilidades.

Articulo desse encontro vivido em minha prática como psicoterapeuta, para pensar de que formas esse aspecto da legitimidade é uma afetação relevante à questão que move essa pesquisa, a psicoterapia como uma prática solitária. A questão da legitimidade do saber e do fazer é discutida por Silva (2016), nesse caso, no tocante ao fazer ciência:

Um campo de pesquisa que não se define por uma ciência-de-mulher, mas de mulheres fazendo ciência. Uma ciência no singular, que muitas vezes envolve o sentimento de solidão e não pertencimento por andar nas bordas do estabelecido, da verdade colocada como única e permanente. Portanto, essas pesquisadoras fazem um convite ao risco de uma conversa de transformação e de invenção mútuas”(Silva, 2016, p.77)

A solidão, no âmbito das práticas, parece ser performada quando vivemos o mundo em termos de certo/errado, legítimo/não legítimo, verdadeiro/falso, natureza/sociedade. Seja na ciência, na arte, na pesquisa, enfim, parece possível falarmos em vida e em prática solitária se a lente que adotamos para ver o mundo é uma lente que segrega, que separa. Nesse sentido, teríamos uma solidão que é

¹⁶ Sobre recalitrância: “Outro ponto que destacaria na recalitrância é como ela torna possível perceber a singularidade, uma vez que ela redefine os vínculos, redesenha as bordas do cenário e até mesmo estabelece novos cenários. Em suma, a recalitrância é essa trava a um certo fluxo ininterrupto do cotidiano.” Tsallis, 2009

performada, atuada em um mundo categorizado. E o que pode acontecer se nos relacionamos com o mundo e com a vida sem tais dicotomias?

A história do trabalho de uma psicóloga hospitalar que ouvi em minha prática como psicoterapeuta bem como a experiência de mulheres fazendo ciência, tal qual apresentado por Silva (2016) travam alguma relação com a psicoterapia como prática? A historicidade das práticas psicoterapêuticas é atravessada por uma constante necessidade de afirmação de legitimidade, marcada por uma necessidade de distanciamento de práticas consideradas como charlatanismo. Tal aspecto, em alguma medida, contaria como um ator que circula, que se vincula e se relaciona com a versão da psicoterapia como prática solitária?

Segundo Latour:

Parte-se da consideração de que o que convencionamos chamar de “campo psicossocial” não pode ser explicado apenas por suas influências, contradições, interesses e tensões internas – os humanos entre si; antes, emerge como um efeito heterogêneo de agenciamentos entre humanos e não humanos, cuja compreensão requer conceitos que estejam em ressonância com tal constituição híbrida (LATOUR, 2006; LAW, 1992)

Perceber o campo psicossocial como uma hibridização nos leva para outra forma de perceber o mundo, a vida, as práticas. No pensamento de Latour, o social é explicado pelos modos de existência e estes são heterogêneos. Para Latour, o mundo que nos cerca nos trás questões as quais vamos nos relacionando, interagindo e vamos nos fazendo com as situações.

Considero que essa fala de Raline porta uma convergência com o que Latour nos diz:

*Agradeço também todas as pessoas que participaram desse processo. **Não cheguei aqui sozinha e é por isso que eu falo que a clínica não precisa ser um lugar solitário, não precisa ser o lugar de concorrência. Mas, pode ser um caminho de muita troca e de muita parceria ao longo desse processo.*** (grifo nosso)

A fala de Raline me reconecta às estrelas e com ela me sinto, novamente, uma poeira, ligada à outras estrelas. Com ela, penso que a vida e qualquer fazer, qualquer prática fazem e são feitos, uma cocriação. E, em articulação com essa história, com a história de uma estrela situada, penso na importância de atentarmos ao que colocamos para somar em nossas práticas. Reflito os aspectos éticos e políticos envolvidos na psicoterapia como um fazer e em nossas responsabilidades com seu manejo, pois isso é, também, o mundo que criamos. Em um campo de

tensões, embates e choques entre versões distintas da vida e do mundo, nossa implicação ética e política se faz ainda mais relevante em tudo que vivemos. E, como dito por Eleonôra, isso nos faz peculiares.

3.2.4 A história de uma estrela silenciosa

Essa é uma história narrada por Shirlei Ribeiro, estudante de Psicologia. Shirlei participou do vídeo da Silva⁴ Treinamentos na discussão do tema “A Psicologia é uma profissão solitária”. Shirlei compartilhou inúmeras impressões, participou ativamente das discussões, no vídeo, e, aqui, destaco o seguinte trecho de sua narrativa:

Tem a questão do sigilo também que muitas pessoas não entendem. Falam “nossa, você trabalha 8 horas por dia, você não pode comentar sobre o seu trabalho?” Não, não posso. Na faculdade, coisas que a gente escuta dentro de sala de aula, a gente já começa, desde o primeiro semestre, a trabalhar essa questão de ética: não se fala.

E, até dentro de casa mesmo, às vezes, chega a questão “e aí, como foi hoje?” Foi legal. “Nossa, foi legal?” Foi, foi legal, só. Eu já expliquei, não tem... É uma profissão que não é igual o seu dia de trabalho que você chega em casa e você tem ene coisas para contar...que fulano fez isso, que ciclano fez aquilo, ou, “nossa, hoje o dia me tirou do sério por causa daquilo.”

Shirlei lança luz à questão da solidão articulada com outro elemento característico da prática psicoterapêutica, o sigilo. Mais uma história que emergiu com o campo, despertando novas intrigas. De quais modos a questão do sigilo psicoterapêutico se articularia com a versão da psicoterapia como uma prática solitária? Quando Shirlei compartilha a orientação recebida em sua graduação, de que a confidencialidade é um elemento essencial no tocante a ética do fazer psicoterapêutico, eu me reporto às minhas experiências. Diria, assim como Shirlei, que também ouvi nas salas da minha graduação e pós-graduação, a confidencialidade, o sigilo, como composição de um fazer ético no campo da Psicologia. Ainda que observe diferenças na forma como assimilei tal questão e que considere que me relacionei com o sigilo de uma forma diferente da forma da Shirlei, acolho sua fala e, nessa pesquisa, busco pensar com ela.

Para tal, me articularei às discussões de “A leitura etnopsicológica do segredo”, de Despret (2011). Neste texto, a autora reflete a questão do segredo nas práticas de pesquisa pensando com a questão “*o que é que muda, em uma*

prática, decidir que a pessoa tenha ou não um nome? (p.20). Com tal questão, Despret pensa não somente a prática de pesquisa, mas, ainda, as práticas de cuidado e a prática da psicologia clínica. Despret desloca a questão do segredo de sua frequente dimensão de dever profissional e se põe a pensar o que o segredo faz fazer, o que ele cria onde ele está, o que ele mobiliza no campo das práticas.

Segundo esta autora, o segredo segrega, separa o que é público e o que é privado, aponta a direção do que poderá ou não ser mostrado, o que pode ser dito e o que deve ser silenciado. A autora descreve como, nas práticas de cuidado, o segredo cria uma organização para as relações estabelecidas entre aqueles que estão envolvidos nessas práticas. Além das cisões já citadas, público-privado, o que é dito e o que não pode ser dito, outra cisão que a autora chama atenção é a cisão orgulho – vergonha. Para Despret, a prática clínica também cinde o que mobiliza orgulho e o que mobiliza vergonha, separando essas duas dimensões. Em todas essas cisões, para a autora, o que está em jogo é uma questão de poder, uma questão política:

Essa última definição cria uma ligação entre a exigência do segredo que pesa sobre o paciente – o segredo cria a intimidade, fabrica a interioridade, inclusive, nunca se sabe, aprende-se a se separar (por exemplo, a não mais se desabafar, a se conter, pense em tudo o que estes termos evocam) – e aquilo que se impõem os terapeutas. Mas, é uma última coisa que faz o segredo em nossos dispositivos, uma coisa que ele induz sem que essa indução seja colocada em questão: o segredo não separa apenas o que é público e o que é privado, ele separa as coisas das quais se pode orgulhar daquelas que envergonham. Para privilegiar essas últimas. E essa questão é, também, uma questão política. (p.12)

Leio Despret, repenso a fala de Shirlei e, nesse diálogo com o campo, penso o que precisa ser colocado em cena para que o segredo, não apenas o anonimato dos clientes, mas a confidencialidade da prática psicoterapêutica seja performada. Observo que Despret faz “inversões” importantes em sua pesquisa, como quando argumenta que a confidencialidade estaria a serviço dos profissionais e não necessariamente, como aprendemos na graduação, e como costumamos ouvir, a serviço dos pacientes (pacientes é um termo utilizado por esta autora).

O aspecto político do segredo nas práticas de cuidado, segundo Despret, ordena o que pode ser dito, e quem pode e quem não pode falar. Nesse ponto, retomo um trecho da narrativa de Shirlei: *“você não pode falar do seu trabalho? Não, não posso.”* A afirmação categórica de Shirlei ganha a minha atenção. Novamente, creio que sua fala se relaciona às reflexões de Despret quando esta

autora pensa a questão do anonimato nas práticas da pesquisa. Retomando a frase de Shirlei, penso: seria o fato de ser uma estudante de Psicologia, de ainda estar em formação, aquilo que faz com que Shirlei acredite não poder falar sobre sua atuação em consultório? A condição de ser estudante de Psicologia é um aspecto que precisamos considerar? Isso contaria alguma coisa acerca da formação de psicólogos, da forma como são orientados na graduação? Há algo particular em estar na condição de estudante de Psicologia, no tocante ao aspecto de quem pode ou não falar e do que pode ou não ser dito, da prática psicoterapêutica?

Indago, ainda, se o que Shirlei ilumina em sua narrativa pode ser pensado, também, como uma forma como psicólogos e psicoterapeutas podem assimilar a questão da confidencialidade, como se relacionam com a ideia do sigilo. Nesse caso, como profissionais, formados, vivendo a psicoterapia como ofício lidam com o que podem ou não falar do seu trabalho? O que está em jogo é pensarmos como psicoterapeutas lidam com as dimensões do que acreditam poder ser comunicado e do que teria de ser silenciado, naquilo que vivenciam em suas práticas. E, nessa pesquisa, em que ponto isso conta em uma versão da psicoterapia como uma prática solitária.

A história da estrela silenciosa, Shirlei Ribeiro, não é nem de longe uma história qualquer. O que ela coloca em cena é o que comunicamos e o que silenciamos, como nos relacionamos com as dimensões “o que digo”, “o que não digo” e o que está em jogo nesse que se performa um campo de tensões. E creio haver uma complexidade nessa questão.

“A história de uma estrela silenciosa”, essa estrela que nos diz não poder falar de suas experiências, em consultório, ao final do dia, no ambiente privado do seu lar, com sua família, foi uma história que provocou alguns diálogos entre essa estrela aprendiz de pesquisadora que aqui escreve a a estrela fazedora de histórias que orienta essa pesquisa. Desse encontro de orientação, emergiram algumas reflexões que partilharei aqui, sustentando não se tratarem de respostas e, sim, reflexões com a história de uma estrela silenciosa.

Dialogamos que ao falarmos da nossa prática psicoterapêutica, das nossas experiências com nossos clientes, é necessário atentarmos ao compromisso ético e ao fio sutil da singularidade de cada encontro. Tais partilhas podem ocorrer em aulas, grupos de supervisão, cursos, workshops, entre amigos, com familiares etc. Partilhamos como somos afetados com as nossas experiências como

psicoterapeutas, desde que sejam resguardados o compromisso ético e o anonimato do cliente. No entanto, não seriam essas também questões? Como garantir anonimato e compromisso ético? Preservando o disposto em nosso código de ética, há formas singulares do que é resguardar a ética e o anonimato em cada relação. Seria, para alguns psicoterapeutas, o silêncio absoluto aquilo que performa o compromisso ético?

A história de uma estrela silenciosa se articula com uma pesquisa que investiga a versão da psicoterapia como uma prática solitária, uma vez que emerge uma associação na narrativa de Shirlei, do silêncio como sendo um elemento na composição da psicoterapia como uma prática solitária. Shirlei parece ter assimilado, em sua graduação, que não poderia falar das suas experiências clínicas, alegando ter sido orientada nesse sentido. E, além disso, sua narrativa parece relacionar esse aspecto como algo que faz da psicoterapia uma prática solitária. Nesse sentido, a história de Shirlei conta que a psicoterapia se faz uma prática solitária no ponto em que seus profissionais não poderiam falar de suas vivências práticas. Nessa versão, o silêncio se transforma em interdição, é aquilo que, associado a outros atores, performa a psicoterapia como uma prática solitária, é um não poder falar das experiências vividas com a prática.

Refletir com a fala de Shirlei, como dividido anteriormente, me provocou inúmeras reflexões. Assim como ela, inúmeras vezes, me vi escolhendo o silêncio, escolhendo não falar do meu trabalho, principalmente, na minha vida pessoal. Mas, me dou conta de uma outra articulação que, inúmeras vezes, orientava a minha decisão pelo silêncio: o não desejar falar. Refiro-me ao não desejo de partilhar histórias marcadas por dor, por sofrimento. É verdade que a prática psicoterapêutica é, também, marcada por conquistas, acontecimentos felizes. Mas, em outros momentos, ela é devastação. Em alguma medida, estamos perto de uma cisão a qual Despret referiu, orgulho-vergonha, mas não exatamente nela. Quando elejo não falar de uma sessão difícil, ou de um dia duro de trabalho, comumente, em contato com minhas fronteiras, regulando as minhas condições de possibilidades, com as relações, creio estar em contato com outras cisões, tais como o que é doloroso e o que é prazeroso ser dito, o que me afeta com alegria e o que me afeta com sofrimento e/ou mesmo como eu desejo afetar aqueles com quem estabeleço contato. E, ainda, os afetos com os quais desejo fazer contato quando não estou trabalhando. Verbalizar, falar da nossa prática é contatar os afetos e é fazer circular

afetos em nossos diálogos. Em alguns momentos, silenciar as vivências da clínica é minha forma de me deslocar, de me distanciar de afetações que vivencio com a prática, e vejo isso como uma forma de regular minhas experiências com a vida.

Seja por não podermos ou por não quisermos falar das nossas vivências com a psicoterapia, o que está em jogo é a questão do silêncio. Acredito que a versão de Shirlei conta o sigilo como silêncio e associa esses dois elementos na composição da versão da psicoterapia como prática solitária. Silêncio e solidão são tomados equivocadamente como sinônimos. Mas, talvez, o que confunda Shirlei seja a interdição e isso, sim, pode ser opressor levando-nos a uma sensação de estarmos sós.

Caminho para um fechamento desse capítulo com as palavras da orientadora dessa pesquisa, na ocasião do VI Simpósio do Laboratório Gestáltico Da jornada estelar vivida com a pesquisa, diria que vida de estrela psicoterapeuta se faz com trabalho, com agenciamento de possibilidades e com consciência à política ontológica que há em nossa vida. Com sensibilidade ao mundo que se quer criar com sua prática. Das angústias que formam psicoterapeutas, já em direta referência à fala de Laura, seria a solidão uma delas?

*(...) foi bem recente essa resolução que permite os médicos a se tornarem psicoterapeutas com um curso de um ano. Como se toda essa trajetória ela fica um pouco invisível e prevalece a ideia da técnica. Como isso é bem ameaçador para essa construção que tem detalhes inclusive de ficar no corredor.. é de esperar o cliente que não vem...que é uma experiência comum tanto no SPA quanto, às vezes, na clínica. (...) aí você já tá meio desarmado... ou quando ele não vem você fica assim “Mas por que será que ele não veio? O que que eu disse que fez ele não vir? No caso de um segundo ou terceiro encontro. Então são **angústias formadoras** e acho que tanto a Raline quanto a Ingrid tangenciaram essas angústias.” (grifo nosso)*

A jornada é povoada, transcende a técnica e viver momentos de confronto, medo e desamparo fazem parte, mas não necessariamente se reduzem a solidão.

4 CONEXÕES ESTELARES

eu sou um monte de
constelações
brilhando e ardendo
mas nem todo mundo
sabe ver

ou só vê a parte que arde
ou só vê a parte que brilha
Ryane Leão

Histórias da Astronomia contam que estrelas nascem da junção, da aglomeração de gases. Estes formam uma grande nuvem que vai girando, girando e, durante esse processo, e com um aumento expressivo de temperatura, tais gases se transformam e, então, eis que nasce uma brilhante estrela. Ao longo da vida da estrela, ela vai se transformando e pode se tornar uma gigante vermelha, uma anã branca, uma explosão super nova, um buraco negro... No início da vida da estrela, não se sabe ao certo o que aquela grande nuvem de gases irá se tornar, qual será seu tamanho, suas dimensões, qual será seu destino. A estrela vai se definindo a partir das reações entre seus elementos, ao longo do seu tempo de vida, das condições de seu ambiente e dos fenômenos que vivencia.

Com o curso dessa pesquisa, aprendi que as estrelas parecem mais brilhosas quando o céu está mais escuro. É que o céu precisa de ambos, da luz e da escuridão para se fazer por completo. Ora, e o que isso tem a ver com uma pesquisa que se propõe pensar aquela antiga história que conta que a psicoterapia é uma prática solitária? Pensar a vida das estrelas, nessa pesquisa, é uma inspiração. E, também, uma aposta de que há conexões entre a vida iluminada dos céus e a nossa vida.

Inspirada com a Cosmologia do cientista brasileiro Marcelo Gleiser, essa pesquisa foi sendo desdobrada de forma progressiva. Inúmeras vezes, fui afetada pela sensação de risco, por um não saber, ao certo, os destinos que a pesquisa assumiria. Em uma pesquisa situada, encarnada e orientada pelo referencial teórico e metodológico da TAR, os rumos da pesquisa escapam ao nosso controle. Em uma pesquisa com tais aparatos, as histórias que vivi e que vivo com o campo, contam e fazem dessa pesquisa uma jornada viva. Nela, travei relação com professoras, com colegas do curso do mestrado, com outras

psicoterapeutas, com clientes, com não humanos e todas essas foram afetações e caminhos para a pesquisa.

Neste capítulo, trato das relações, movimentos, dos muitos e múltiplos atores que povoam a psicoterapia, que constituem a nossa percepção desta como um fazer, como uma prática. Parte desse capítulo se dedica a pensar os não humanos que compõe a cena psicoterapêutica, esses elementos que trazem um vasto colorido para a prática. Lembro que meu primeiro interesse de pesquisa, ainda como participante do grupo de estudos do professor Ronald Arendt, alguns anos antes do mestrado, foi exatamente pensar não humanos e suas agências no tocante à psicoterapia como uma prática. No entanto, com novas experiências, leituras e novas afetações, com o tempo, a pesquisa foi se deslocando. Agora, me vejo atualizando aquele antigo interesse e percebendo o quanto aquela experiência com o grupo Entredes foi essencial em toda essa nova jornada. Foi com esse grupo que conheci a TAR e foi com esse grupo que senti minha visão de mundo se expandir, também, ainda que não somente, ao me perceber mais sensível aos atores não humanos engendrados na composição de tudo que vivo. Hoje, diria que com as minhas afetações com o grupo Entredes, meu olhar se expandiu e passei a ver o céu e a vida em sua multiplicidade de cores e nuances.

Compartilho com a figura a seguir, a imagem de alguns não humanos que atuam comigo desde o início da minha jornada como psicoterapeuta em tempo integral. Trata-se de uma pequena estante que guarda não apenas livros com seu conhecimento, ela guarda histórias da minha jornada de estudos e trabalho, ao longo dos anos. A estante também guarda música, os meus cds, objetos que são recursos de trabalho, presentes de clientes, enfim, ela é parte dos objetos que compõem o meu cenário de trabalho e que atuam junto comigo performando a minha prática clínica. Ela guarda e é, simultaneamente, minhas memórias e histórias. A estante é elemento importante do meu corpo de psicoterapeuta. Ela é uma jornada de estudos e trabalho, ao longo dos anos, parte integrante de quem sou, na vida.

A decoração de um espaço não tem um caráter meramente estético. Quando decoramos a sala física e/ou a sala online onde promovemos as sessões de psicoterapia, imprimimos nossa forma, falamos de nós, do nosso lugar. Em relação, humanos, não humanos, tecnologia e afins estão ali falando de si e,

simultaneamente, se fazendo enquanto referências recíprocas. São todos esses atores, juntos, que povoam espaços.

Compartilharei algumas das histórias que essa pequena estante guarda. Ao capturar essa imagem, tomei cuidado para que ela fosse o registro de como ela costuma estar, de fato: desalinhada, com livros sem muita ordem, com objetos “fora do lugar”. Minha intenção era que a imagem estivesse coerente com o que vivemos, eu a estante, em nosso cotidiano. A foto não retrata uma estante milimetricamente organizada, pois isso é algo que ela não costuma ser, de fato. Eu acesso essa estante todos os dias, mexo nos livros com frequência. Alguns mais que outros, é verdade, mas, costumo dizer que todos esses não humanos, os objetos e suas histórias, são “meus colegas de trabalho”. É assim que, há alguns anos, os chamo.

Já tive clientes que perguntaram se eu teria lido esses livros, alguns que identificavam títulos que eles também tinham lido, alguns que pediam livros emprestados e, alguns que me presentearam com livros por julgarem que eu gosto de leitura (ainda que não necessariamente tenham me indagado quanto a isso). Os livros da estante e suas agências... Quando olho para essa estante vejo minha história de estudos e trabalho, ao longo dos anos. Mas, ora, qual o sentido de incluir uma estante, os não humanos que a compõem em uma pesquisa que quer pensar aquela história que diz que a psicoterapia é uma prática solitária?

Nessa pesquisa, como já dito anteriormente, não há o objetivo de validar ou invalidar a história que conta que a psicoterapia é uma prática solitária. O que está em jogo é abrir tal questão, conhecer outras versões para essa história. Tratar da psicoterapia como uma prática é fazer contato com seu campo e com tudo que está engendrado nele, com os atores que a compõem. A estante e seus não humanos não são exclusivamente a minha historicidade, enquanto pessoa e enquanto psicoterapeuta, eles cocriam a psicoterapia como um fazer. E esse capítulo quer tratar disso ao observar e abordar algumas das histórias que esses atores não humanos carregam consigo e como eles se articulam com todos os aparatos envolvidos na prática da psicoterapia. Vamos à isso:

Figura 7 – Estante consultório



Fonte: Acervo pessoal

A história do número um: a coleção completa do Freud. Eu havia entrado na faculdade havia poucos meses e, em uma consulta regular com meu dentista, em um tratamento ortodôntico, a esposa e secretária do dentista me ofereceu toda sua coleção de obras completas do Freud. Eu já fazia o tratamento dentário há anos. Saía da escola, o Instituto de Educação do Rio de Janeiro, e ia direto ao consultório dentário para as consultas mensais. Com o tempo do tratamento, o dentista e sua esposa se tornaram amigos, conselheiros e um tanto quanto pais, é verdade. Eles demonstraram muita alegria ao saberem da minha aprovação na faculdade Federal. Logo após meu ingresso na universidade, recebi esse presente/doação que me ajudou em inúmeros momentos, em um curso tão atravessado pelos estudos psicanalíticos. Além das obras completas do Freud, ganhei inúmeros outros livros

daquela psicóloga que, em realidade, abandonou a Psicologia para ser servidora pública de um banco federal. Ela me contava de seu amor pela Psicologia, mas que influenciada pela família e em busca de segurança, decidiu seguir a vida de servidora pública. Afastada do trabalho por motivo de doença, ela ajudava o marido em seu consultório dentário.

Guardo com carinho as memórias dos nossos encontros, e, principalmente, das nossas conversas. Eles me marcaram com seu acolhimento, me tocaram com o cuidado com que me tratavam a cada consulta e, além disso, somaram à minha vida com a doação de livros que foram importantes para os meus estudos. Um deles, inclusive, foi parte das leituras para a seleção do meu curso de mestrado.

No número dois, alguns livros que precisei ler durante o curso técnico em processamento de dados. Eles já não são usados há tempos, é verdade. Mas, ficam na estante e contam uma história dessa etapa do meu caminho. Há também a máquina de escrever. Com ela, eu escrevia meus trabalhos escolares, no ensino fundamental. Minha mãe achava muito importante que eu e meu irmão aprendêssemos datilografia, dizia que não teríamos emprego se não aprendêssemos a datilografar. Antes mesmo de ingressar em um curso, eu já fazia os trabalhos escolares com essa máquina e ia treinando essa habilidade. Progressivamente, a relevância da datilografia para nossa empregabilidade desapareceu, então, a máquina de escrever se tornou, uma história, uma herança, e uma memória da minha relação com a minha mãe. Ela, uma exímia datilógrafa, viveu uma época em que essa era uma habilidade valorizada e, junto a tantas outras coisas, atuou para que eu e meu irmão pudéssemos desenvolvê-la.

No número três, os cds, as músicas que eu costumava ouvir no consultório e que, no contexto da pandemia e do trabalho remoto, foram silenciadas. Em casa, já não é preciso ligar o som que ficava na recepção. Esse era um dos rituais diários: ligar o som, fazer um café, pegar uma água, ligar o ar condicionado... Toda organização do espaço não apenas para bem receber os clientes, mas para criar a atmosfera do trabalho tal qual eu gostava de viver. E as músicas eram cuidadosamente escolhidas para que eu sentisse o espaço como sendo um ambiente acolhedor, tranquilo.

As músicas, no espaço da recepção, eram cocriadoras da ambiência que eu desejava para trabalhar, uma ambiência que me despertasse paz. Elas encenavam junto comigo e com vários outros atores essa atmosfera clínica que eu gostava de

criar para os atendimentos. A trilha sonora era pensada e usei os cds por um bom tempo. Com o surgimento dos aplicativos de músicas, os cds, assim como os vinis e as máquinas de escrever, foram substituídos por *playlists*, listas de músicas disponíveis no celular. Os cds guardados na estante, hoje, são história e boas memórias.

Lembro, também, que a música, no espaço físico do consultório, tinha um papel importante: a garantia da confidencialidade. Com a música, no ambiente da recepção, eventuais acompanhantes de clientes não conseguiriam ou teriam dificuldade para ouvir aquilo que é dito, na sala de atendimento. Em espaços onde há mais de uma sala de atendimento, como era o meu antigo consultório, a música na recepção era uma forma de abafar as falas e garantir que as conversas nos diferentes ambientes não fossem ouvidas. Nesse caso, mais do que contar para a constituição de um ambiente agradável, a música, na sala de recepção é ferramenta, parte da composição da prática. Essa foi uma estratégia aprendida logo no início da minha jornada, como psicoterapeuta, em um ambiente onde eu dividia espaço com outros profissionais e seus clientes. Esse era também o cenário que eu me deparava no consultório dos meus terapeutas. Sempre havia um rádio, com música, na recepção. Assim, eu não conseguia ouvir o que os clientes que eram atendidos antes de mim falavam.

Serem ou não serem ouvidos por alguém, também era uma questão para alguns dos meus clientes. Havia quem não se preocupasse e havia quem mudasse o volume da voz ao menor sinal de audiência no local. Havia quem demandasse que a música fosse aumentada, diminuída ou mudada. Seja no atendimento presencial ou online, observo que essa é uma questão que emerge com o campo, com a interação com os clientes. Hoje, considerando minha atual experiência com o atendimento online de forma exclusiva, a garantia da confidencialidade, no espaço de atendimento segue sendo cocriada, pela dupla terapeuta-cliente. Para garantir que aquilo que o cliente diz seja mantido em sigilo, bem como que aquilo que o psicoterapeuta diz seja mantido em sigilo, o recurso passa a ser os fones de ouvido. É recomendado que ambos estejam em ambientes com alguma privacidade e, além disso, que usem seus fones. A forma como os clientes manejam esse aspecto, na modalidade online, é um ponto para observação. Há quem se diga à vontade para fazer sua sessão na sala, junto à membros da família, em espaços de trabalho, em ambientes públicos, sozinhos ou com companhia; e há quem se negue a conversar

caso haja qualquer pessoa por perto, caso não seja criada uma ambiência de máxima privacidade. Em minha prática como supervisora de gestatl terapeutas, também já acolhi o incômodo de profissionais que se sentiam inseguros com clientes que não faziam uso de fones ou realizavam suas sessões em ambientes públicos.

A constituição das experiências de intimidade, de privacidade, no *setting* terapêutico, seja no atendimento presencial ou remoto, envolve atores humanos e não humanos. A confidencialidade tão cara à psicoterapia, uma exigência clara do conselho da classe à essa atividade, parece ser performada por atores diversos, pelo psicoterapeuta, pelo seu cliente e por não humanos, também. E a música e os fones de ouvido, nas modalidades presencial e online, comumente, entram nessa composição.

No número quatro, há os livros recomendados para leitura, na escola, no ensino fundamental e médio e leituras diversas. Literatura. No número cinco os dicionários de idiomas, os companheiros de curso e de provas inesquecíveis como as minhas provas de seleção para o mestrado.

No número seis, livros dos concursos públicos que fiz, livros de cursos que fiz, livros de historiadores que eu adoro (Roman Krznaric e Yuval Harari), livros lidos durante a graduação e a pós graduação. Alguns livros de psicologia social, psicologia sistêmica, livros sobre compulsão e dependência química que contam alguns cursos que fiz, nessas áreas. Os livros sobre assédio moral também contam o tempo em que estive em um grupo de estudos sobre o tema, no Instituto de Medicina Social, da UERJ. Histórias da minha trajetória, das minhas experiências.

No número sete, livros de autoajuda, espiritualidade, livros de poesia, enfim, livros que me inspiram e que favorecem minha conexão com a dimensão do sagrado, dos mistérios da existência. Livros que contam fases da minha vida onde estive mais envolvida com estudos sobre religiosidade e espiritualidade, tempos em que estive engajada em viver a minha fé. Tenho apreço especial por todos eles. Destaco aí dois livros que ganhei de presente do meu terapeuta e que contam a história do nosso vínculo, da nossa relação.

No número oito, são os livros de Gestalt Terapia, leituras que começo a fazer a partir do meu ingresso na especialização. Pouco li sobre Gestalt Terapia na faculdade, pois, em meus tempos de universitária, uma professora recém chegada iniciava a primeira disciplina sobre essa abordagem, na UFRJ. Era Alexandra Tsallis. Sua chegada foi celebrada por muitos alunos que queriam conhecer abordagens

diversas e terem outras alternativas de leitura e estudos para além das inúmeras disciplinas de Psicanálise que nos eram ofertadas. Além de dirigir meus interesses para outras áreas da Psicologia que não eram a clínica, nesse período, o que ouvia sobre Gestalt Terapia era que era coisa de hippie, de bicho grilo, de psicólogo alternativo. A Gestalt se fez possibilidade para mim, após a graduação, tão somente por conta do conselho de uma amiga a qual eu muito admirava e, também, porque ela dedicou algum tempo para me falar dessa abordagem e de sua aposta que eu me identificaria com a Gestalt Terapia. Até hoje, eu e essa amiga falamos sobre esse momento, sobre essa conversa e sobre esse conselho que ela generosamente me deu. Mal sabíamos que, dali em diante, eu edificaria minha vida profissional como Gestalt terapeuta.

O número nove são dois de meus quadros que ficavam pendurados na parede quando eu realizava atendimentos presenciais, em meu consultório no Centro do Rio. Costumo dar nomes para minhas coisas. Minhas plantas, em casa, todas tem nomes. Não sei bem o porquê, mas é um hábito e uma forma de estabelecer relação com objetos que vivem comigo. O quadro com a árvore, por exemplo, eu chamo de “rizoma deleuziano”. Ele ficava pendurado perto do sofá onde os clientes sentavam, bem diante os meus olhos. Não raro, nas sessões de terapia, ouvia a narrativa dos clientes e fixava o meu olhar nele. Flutuava ali minha atenção com o conteúdo verbal do cliente, as cores do quadro, em meus próprios pensamentos, enfim, o quadro entrava na composição da minha presença, da minha forma como psicoterapeuta, em alguns momentos, nas sessões. Ele participava do meu processo reflexivo, horas como inspiração, horas como apoio visual, horas como facilitador da minha interiorização, do meu fluxo de pensamento e sensação.

No número dez, destaco alguns presentes de clientes. Há itens espalhados pela estante que são presentes de clientes. A almofada para chá, o terrário, a pomba rosa, um porta velas com referência à tradições orientais, o olho grego e ela, a Monalisa. Esse é o nome que dei para a pintura que ganhei de uma cliente artista e professora universitária de Belas Artes. Em um Natal, ela chega dizendo “Trouxe um presente para você”. E me entrega essa que passei a chamar de Monalisa, seguindo com a seguinte narrativa: “é que quando eu estou na terapia, eu me sinto assim... abraçando meu universo.”

Figura 8: Ilustração Gika Carvalho. Monalisa



Fonte: Acervo pessoal

Monalisa já apareceu nessa escrita, compondo a abertura dessa dissertação. Acho linda sua composição junto às palavras de Alberto Caeiro *“Porque eu sou do tamanho do que eu vejo”*, uma constante inspiração. Essa ilustração me conecta aos momentos singulares vividos com a clínica, com as alegrias, a gratidão e aquilo que há de especial em cada encontro.

Clientes nos marcam à sua forma, nos presenteiam com a confiança que depositam em nosso trabalho. Alguns também afirmam o vínculo com presentes materiais e, ao longo da minha jornada como psicoterapeuta, fui aprendendo a integrar a experiência de ser presenteada sem me sentir constrangida, sem muito problematizar o ato de presentear de cada cliente. Com o tempo, fui aprendendo a integrar aquela experiência ao processo terapêutico vivido com cada pessoa, em cada encontro. Que ser presenteada poderia ter um sentido distinto com cada uma das relações vividas com clientes, que com esse ato cada um deles conta do seu

investimento, do seu vínculo em nossa relação com a sua própria forma. Nesse ponto, rememoro esse trecho de Polster (2001):

A necessidade de extrair sentido da experiência tem sido tão marcada culturalmente que encobriu a própria experiência. Esta passou a significar mais ou menos do que parece ser, e desse modo não pode ser considerada por seus próprios méritos. [...] Embora a busca de significado seja um reflexo humano, a *compulsão* para o significado muitas vezes afoga a própria experiência. O significado se desenvolve a partir da sequencialidade da vida e dos ritmos naturais entre a experiência e a atribuição. Na psicoterapia, o símbolo é mais poderoso quando sua significância emerge das experiências que existem primeiro por si mesmas e *então* se projetam num significado natural e evidente que ajuda a ligar as experiências.

Com o tempo, me autorizei a viver uma prática clínica em que eu pudesse me sentir mais leve e investida genuinamente nas relações, menos apegada as teorias, as técnicas e mais afinada ao encontro, a cada encontro. E sinto que, assim, os presentes se fizeram mais frequentes, não necessariamente os materiais. Os presentes em forma de abraço, de sorriso, de mensagens de agradecimento, os presentes que contam o amor presente no vínculo entre cliente e terapeuta. (Cardella, 1994)

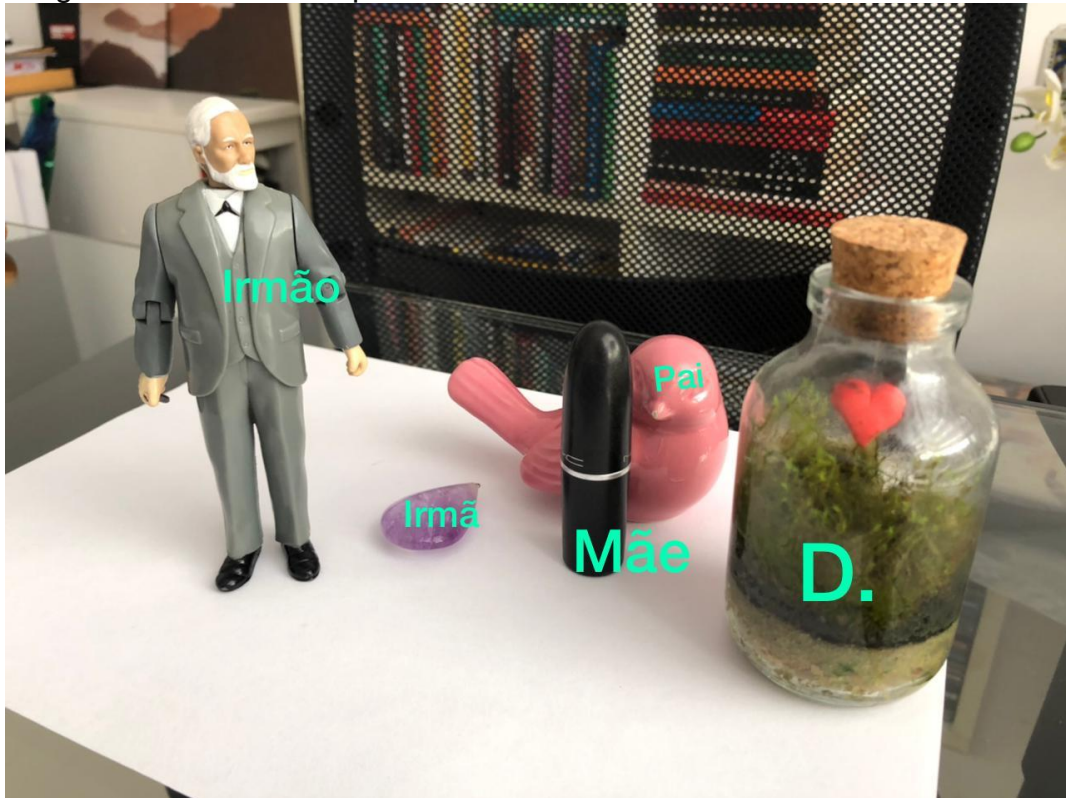
No número onze, canetas, lápis, borracha, enfim, artigos de papelaria. Minha família “tradicional” terapêutica, com quem realizo muitos trabalhos. Durante a pandemia, nos atendimentos virtuais, a família terapêutica é um recurso que eu tenho utilizado muito nas sessões. São, sem sombra de dúvida, colegas de trabalho.

Compartilho, abaixo, a imagem de um experimento¹⁷ realizado com os objetos do consultório, com uma cliente. Sua queixa girava em torno de uma autopercepção de isolamento, fechamento, solidão e de uma angústia com o como essa sua forma lhe afetava e como poderia se desdobrar em sofrimentos, em seu futuro. Em um encontro, propus que pensássemos a dinâmica de sua família de origem. Para tal, lhe apresentei inúmeros objetos que ela poderia eleger para representar a sua família. Com a prática, compreendi que a família terapêutica, que são objetos que simulam figuras humanas, não eram os únicos objetos que poderiam ser apresentados aos clientes. Havia muitos outros que também serviam para promover essa atividade. Progressivamente, compreendi que poderia contar com todos os objetos do consultório para essa proposta experimental.

¹⁷ “Essa modificação comportamental sistemática, quando brota da experiência pessoal do cliente, é chamada de experimento. O experimento é a pedra singular do aprendizado experiencial. Ele transforma o falar em fazer, as recordações estéreis e as teorizações em estar plenamente presente aqui, com a totalidade da imaginação, da energia e da excitação.” (Zinker, 2007, pág. 141)

Ao final das sessões, também desenvolvi o hábito de fotografar a cena montada e enviar, em um aplicativo de mensagem, aos clientes. Assim, tínhamos um registro, uma memória, em imagem, daquela experiência. E são essas imagens memórias desses encontros, que compartilho aqui:

Figura 9: Trabalho terapêutico com uma cliente



Fonte: Acervo pessoal

Na imagem acima, a cliente escolheu um batom para representar sua mãe que, em suas palavras, é uma mulher muito vaidosa. Um cristal para representar a irmã, que ela disse ser uma pessoa muito sensível. O pai, que ela posicionou à sombra da mãe, seria um homem gentil, doce e passivo. Então, ela julgou que a pomba rosa seria um bom elemento para representar seu pai. O irmão mais velho, visto como um homem rígido, foi representado pelo boneco engravatado e, ela mesma, se identificou com o terrário.

Nessa cena que montamos, a cliente conta e remonta, comigo, aquela que seria sua dinâmica familiar. Ali, encontramos a possibilidade dela pensar a si própria, e a sua forma em suas relações com sua família. Ela elegeu o terrário para representar a si própria com a justificativa de se sentir como uma garrafa, fechada

por uma rolha, um objeto que lhe afetava como um objeto “fechado”. Em suas palavras, o terrário retrataria bem a sua forma, a forma de uma pessoa isolada.

Quando iniciamos a terapia, essa cliente se apresentava de uma forma autodepreciativa, negativista. Nessa sessão, após o experimento que realizamos, trabalhamos mais amplamente o objeto escolhido para lhe representar. Com minhas intervenções, busquei atuar de forma a expandir a nossa percepção em relação ao “objeto” que, ali, em realidade, era a própria cliente. Compartilhei que esse terrário é um microssistema fechado, autosustentável e que, dentro daquela garrafinha há vida. E uma vida que se renova. Dialogamos com analogias diversas, ligadas à ideia de que o terrário é cheio de vida e que um terrário fechado apresenta, em uma micro escala, o nosso meio ambiente em sua composição com o solo, a água, o ar, a luz e seres vivos. O que estava em jogo era um exercício de expansão perceptiva.

Na sessão seguinte, essa cliente narra ter comprado um terrário para si, em um site. Disse ter se sentido muito afetada com a nossa sessão e que se pensar como um terrário (tal qual trabalhamos, em sessão) foi essencial para que tivesse novos *insights*. A princípio, me senti um tanto quanto surpresa com a forma como ela se relacionou com essa experiência e segui acompanhando seus movimentos. Observei que história em que ela se narra como uma mulher solitária foi, progressivamente, se fragilizando e desaparecendo de sua narrativa...

Abaixo, compartilho uma segunda imagem onde um outro cliente elegeu os bonecos da família terapêutica para representarem seus familiares. A única exceção foi o objeto que ele escolheu para representar a si próprio, um porta velas com a imagem de uma figura humana com claras influências às tradições orientais:

Figura 10: Trabalho terapêutico com um cliente



Fonte: Acervo pessoal

Há uma história especial sobre um dos meus bonecos. Ganhei esse boneco da diretora de uma consultoria em que trabalhei. Ela, psicanalista freudiana, gostava de manter seu bonequinho do Freud por perto. Quando ela se desligou da empresa, dividiu seu “patrimônio” com as colegas e eu ganhei o seu Freud. Quando montei minha primeira sala, o meu primeiro consultório, colocava o boneco do Freud na mesa lateral, junto aos lenços e ao abajour, próximo e à vista dos clientes. Achava que a figura do Freud traria, aos clientes, um sentimento de credibilidade, que eles poderiam se sentir mais bem atendidos ou me veriam como uma “boa” terapeuta porque o Freud estava ali me legitimando de alguma forma. Um amuleto. Eis que, em uma bela noite, com uma cliente, começo uma intervenção referindo um conceito psicanalítico. Crio toda uma narrativa com o conceito freudiano e, ao falar, aponto para o bonequinho e digo: “Segundo o Freud, que está aqui com a gente...” e eis que eu e a cliente evoluímos da seguinte forma:

Cliente: Freud, que Freud?

Lívia: Esse bonequinho que está ao seu lado, é um bonequinho do Freud.

Cliente: Nossa Lívia, eu jurava que era seu pai de santo!

Lívia: Meu pai de santo?

Cliente: Sim, olha (pegando o boneco que estava ao seu alcance, na mesa ao lado) você não acha que ele está muito preto para ser Freud? E esse cabelo e essa barba branca e esse charuto na mão? Olha, se você não dissesse que era o Freud eu ia continuar achando que era o seu pai de santo.

Fiquei uns instantes em um misto de surpresa e estranhamento. Mas, tudo muito breve pois, rapidamente, começamos a rir de toda situação. Dividi com a cliente meu cuidado para não manter, no espaço do consultório, nenhuma figura religiosa, nada que pudesse afetar/acionar a religiosidade dos clientes. Esclareci que não se tratava de um pai de santo e sim um boneco de um outro pai, o pai da psicanálise, o Freud.

Hoje, esse boneco é uma lembrança dessa história, dessa experiência vivida em 2014. E ele segue por perto, em minha prática clínica. É partícula cheia de história da minha jornada como psicoterapeuta, do meu corpo de psicoterapeuta. Um corpo que foi se transformando à medida que se permitiu ser afetado (Latour, 2008). Hoje, o consultório segue sem referências claras à religião, mas há um ou outro objeto aqui e acolá que deixam pistas de como alimento minha fé e minha espiritualidade.

Um elemento, um objeto, no consultório de um psicoterapeuta, pode falar muita coisa, sob vários aspectos. Os objetos afetam das mais variadas formas. Quando Eleonôra aponta para um quadro, em sua narrativa no VI Simpósio do Laboratório Gestáltico, e ilumina a mensagem do objeto “Somos somas”, creio que o que é encenado é essa composição mútua humana e não humana, uma mensagem que se firma numa integralidade e numa interdependência humana e não humana

Figura 11: Freud. Ou seria um pai de santo?



Fonte: Acervo pessoal

Essas são algumas histórias desses que compõem a prática clínica junto comigo, os meus colegas de trabalho. A estante, seus livros e objetos é parte importante do meu cenário, performa junto comigo e outros inúmeros atores a psicoterapia como prática. Meu corpo de psicoterapeuta é composto com todos esses elementos conjugados, sendo alguns deles, esses que partilho nessa dissertação. É certo que há muitos outros importantes: a garrafa de água, a de café, por exemplo, são companhias fiéis. A mesa, a cadeira, cadernos, e, hoje, em tempos de trabalho remoto, computador, bateria, fone se tornaram imprescindíveis.

Talvez, lembrar a história das estrelas e nos percebermos como parte da narrativa cósmica, como disse o cientista, possa nos conectar com a multiplicidade de elementos engendrados em nossos corpos. Quem sabe, assim, percebamos nossa comunhão com o cosmos e com tudo o que há.

VIOLETA, LIMÃO, AZUL, VERDE: AS ESTRELAS SE APAGAM?

“A noite é ainda mais ricamente colorida do que o dia, colorida com violetas mais intensos, azuis e verdes. Se você olhar cuidadosamente, verá que algumas estrelas são cor de limão, outras tem uma cor rosada, verde, ou o fulgor azul dos miosótis. Pintar um céu estrelado não é colocar pontos brancos em azul ou preto.”

Vincent Van Gogh, em carta ao irmão Théo

Figura 12 - Noite Estrelada, Van Gogh



Fonte: Wikipedia, a enciclopédia livre

Se olharmos bem, assim como Van Gogh, se observarmos cuidadosamente, podemos perceber o céu em suas tonalidades variadas, em cores e nuances que podem passar despercebidas por olhares desatentos. O céu noturno, na França, foi inspiração para aquelas que se tornaram as mais famosas obras do artista Van Gogh. Pintar o céu, em suas palavras, não é apenas colocar pontos brancos em azul e preto. Em suas telas, o céu tem formas, cores, traços, texturas das mais variadas. Em suas cartas ao irmão Théo, Van Gogh partilhava suas afetações com o céu noturno e sua atenção especial ao brilho, dimensões e cores das estrelas.

Com essa pesquisa e provocada com a narrativa cósmica de Marcelo Gleiser, minha jornada com o mestrado também foi vivida com uma observação atenta aos céus e suas estrelas. A composição dessa pesquisa foi se

desvelando e se criando com a trajetória. Em muitos momentos, foram prazerosas as experiências de pesquisa da Cosmologia, da Astronomia, as leituras de textos de Antropologia, Sociologia. Eram os momentos em que me sentia explorando universos novos, era como estar diante de um céu estrelado, em um dia de temperatura agradável. Mas, também houve momentos, de escuridão, de bloqueios criativos em que o céu me afetava como as trevas.

A versão da psicoterapia como uma prática solitária é uma história que conheci na universidade, em tempos de estudante. E é uma história com a qual me deparo com a minha prática e vida, seja em leituras, trocas profissionais, nos encontros com o grupo de supervisão que facilito, em minhas interações com clientes, enfim, em inúmeros momentos. A versão da solidão como um destino dos psicoterapeutas é uma história que me inquieta e que me desperta desde a primeira vez que a ouvi. E foi esse interesse e essa intriga genuína que encontrou, nessa pesquisa, espaço para chegar, para emergir, para alvorecer.

Escrever a pesquisa travando diálogo com as estrelas como metáfora me despertou, tal qual o poema de Olavo Bilac, o medo de ser lida e vista como quem perdeu o senso. Mas, lhes escrevo, no entanto, que foi com o curso do mestrado que aprendi que uma pesquisa situada, encarnada e com os aparatos teóricos e metodológicos da Teoria ator-rede é uma pesquisa que se faz com os riscos, e que eu teria de vivê-los. Além, é uma pesquisa que se faz, tal qual o poema, desperto e pálido de espanto. Mas, o espanto que se fala aqui é o espanto do interesse, do envolvimento genuíno com o campo, tal qual vive aquele que pelo amor às estrelas segue procurando por elas, mesmo com o raiar do dia.

No curso dessa pesquisa eu não estive só. E, em inúmeros momentos, foram a confiança e a segurança oriundas das relações e das parcerias o que sustentou minha jornada. Junto com o amor à psicoterapia como lida, como um fazer. Esse é o amor que move meu interesse, minha curiosidade, meu desejo de estudar mais, pesquisar mais, conhecer e explorar as muitas histórias que versam a psicoterapia como um fazer. São essas muitas histórias, muitas delas constituídas das miudezas cotidianas que contam a psicoterapia tal qual ela é performada na prática. Todos os dias, ao me deparar com essas histórias das miudezas do cotidiano do fazer psicoterapia, do viver de psicoterapia, me implico curiosa a pensar com elas.

Assim, essa não é uma história que caminha, em sua conclusão, para uma resposta binária, para um sim ou não, um verdadeiro ou falso. Essa é uma história que se faz e se orienta com o campo, acompanhando seus atores em seus tantos vínculos. O que vivi, com o curso dessa pesquisa, é que a versão da psicoterapia como uma prática solitária é performada das mais variadas formas, ela se sustenta vinculada com diversas versões, algumas delas bem distintas entre si. Cada uma dessas versões é performada pela relação de aspectos culturais, históricos, sociais, econômicos, políticos, entre outros. E, nessa pesquisa, foi possível conhecer e explorar algumas delas.

Com quais e quantas versões se constitui a versão da psicoterapia como uma prática solitária? Como essa versão se prolifera e quais são os vínculos que a sustentam e, além, a dispersam, a espalham? Nessa pesquisa, com quatro histórias que emergiram com o campo busquei pensar essas questões.

Deixo aqui o meu convite a todos aqueles que dedicaram seu tempo à leitura dessa pesquisa. O meu convite para que, assim como o pintor, possamos pensar a psicoterapia como uma prática composta por variadas cores. Uma prática cujo colorido não se resume a colocar pontos brancos em cima de azul e preto. Um convite para a olharmos a psicoterapia com lentes que expandam a nossa visão e nos distanciam de binarismos, cisões e destinos.

Quem sabe, quando se depararem aqui e acolá com aquela história de “a psicoterapia é tão solitária!”, aqueles que leram essa pesquisa possam também ser afetados, como eu, por alguma inquietude, por uma curiosidade em saber o que, naquela situação, sustenta e move essa versão. Além, quem sabe, possam lembrar e versar por aí aquela história de uma jornada com as estrelas, a história de uma estrela que, hoje, compreende que nunca esteve só.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record; 1996.
- BARROS, M. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BILAC, O. *Poesias*. Rio de Janeiro, 1888.
- BLUMENFELD, R. *Como um osso humano de 15.000 anos pode ajudá-lo durante a crise do Coronavírus*. Revista Forbes, 2020. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/remyblumenfeld/2020/03/21/how-a-15000-year>> Último acesso em 03/04/2022
- BONDÍA, J. L. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan/abr. 2002. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/275/27501903.pdf>
- CARVALHO, T. *Psicologia: profissão que requer rede de apoio*. Disponível em <<https://www.vero.com.br/dra-thaiz-carvalho-psicologia-profissao-que-requer-uma-rede-de-apoio/#:~:text=Ser%20psic%C3%B3logo%20%C3%A9%20uma%20profiss%C3%A3o,o%20amadurecimento%20do%20psic%C3%B3logo%20cl%C3%ADnico>> Último acesso em 16 Maio 2022.
- CASTRO, R. B. ; PEDRO, R. *Experiências da vigilância: subjetividade e sociabilidade articuladas ao monitoramento urbano*. Psicologia & Sociedade, 25(2), 353-361, 2013.
- CEZAR, P. *Só dez por cento é mentira. A desbiografia de Manoel de Barros*. Documentário. 81 min. Colorido. Brasil. Artesanato Eletrônico, 2008
- Conselho Federal de Psicologia. Ano da Psicoterapia. Textos geradores, 2009. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/publicacao/ano-da-psicoterapia-textos-geradores/#:~:text=Para%20discutir%20o%20exerc%C3%ADcio%20da,tem%C3%A1tico%20da%20Psicoterapia%20no%20Brasil>> Último acesso em 05 Agosto 2021.
- Conselho Federal de Psicologia. Caderno de Deliberações do VIII Congresso Nacional de Psicologia. Disponível em < <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/08/MinutaCadernodelibera%C3%A7oes14.08.pdf>> Último acesso em 12 MAIO 2022.
- Conselho Federal de Psicologia. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Disponível em < <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Co%CC%81digo-de-%C3%89tica.pdf>> Último acesso em: 12 Maio 2022.
- Conselho Federal de Psicologia. Uma profissão de muitas e diferentes mulheres. Disponível em < <https://site.cfp.org.br/wp->

content/uploads/2014/01/Publica%C3%A7%C3%A3o_Mulher_FINAL_WEB.pdf>
Último acesso em 12 Maio 2002.

CONTI, J.; SILVEIRA, M. *Ciência no feminino: do que é feita a nossa escrita?* Pesquisas e Práticas Psicossociais 11 (1), São João del Rei, 2016.

CORDIOLI, A. et al. *Psicoterapias: abordagens atuais*. 3. ed. revista. Porto Alegre: Artmed, 2008

CROCHIK, J. *Notas sobre trabalho e sacrifício*. Trab. educ. saúde. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 61-73, Mar. 2003. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462003000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 Mar. 2021.

DESPRET, V. *Ces émotions qui nous fabriquent: ethnopsychologie de l'authenticité*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond/Le Seuil, 1999.

DESPRET, V. *Leitura Etnopsicológica do Segredo*. Fractal – Revista de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 29-41, 2011.

DESPRET, V. ; STENGERS, I. *Leus faiseuses d'histories: Ce que les femmes font à la pensée*. Paris: La Découverte / Le Empêcheurs de penser en round, 2011.

FAVRET-SAAD, J. *Ser afetado*. Cadernos de Campo, São Paulo, USP, v. 13, n.13, p.155-161, 2005.

FILHO, K.;SARAIVA, M. *Constelações*. Disponível em:
<<http://astro.if.ufrgs.br/const.htm>> Último acesso 17/01/2021.

Folha de São Paulo. O exótico homem das cidades. Entrevista com Bruno Latour. Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs12049803.htm>> Último acesso em 12 MAIO 2022.

GALEANO, E. *Es tiempo de vivir sin miedo*. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=gujK5WEVG8g> . Acesso em 06/11/2021.

GILLIGAN, C. *Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

GLEISER, M. *Nossas origens cósmicas: caminhos do bem viver #5*. Disponível em:
< <https://www.youtube.com/watch?v=x9jI4ulgSrU>> Último acesso em 25 Outubro 2021.

GOGH, V. *Cartas a Théo*. Edição brasileira, 2015.

GOSDAL, T. C. *Dignidade do trabalhador: um conceito construído sob o paradigma do trabalho decente e da honra*. Tese (Doutorado em Direito) - Programa de PósGraduação em Direito, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

Governo Federal. Resolução normativa nº 167. Disponível em <https://www.gov.br/ans/pt-br/arquivos/acesso-a-informacao/participacao-da-sociedade/consultas-publicas/cp31/cp_31_docapoio_anexoii_-rn167.pdf> Último acesso em 12 MAIO 2022.

HARAWAY, D. *Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes*. ClimaCom Cultura Científica – pesquisa, jornalismo e arte, Campinas, v. 3, n. 5, p. 139-146, 2016. Disponível em: <<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes>>. Último acesso em 03/07/2021.

HARAWAY, D. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu, v.5, s/n, p-7-41, 1995.

HARAWAY, D. *Seguir con el problema: generar parentesco en el Chthuluceno*. Bilbao, 2019

Instituto Claro. *Constelações*. Disponível em: <<https://www.institutoclaro.org.br/educacao/para-ensinar/planos-de-aula/o-que-e-uma-constelacao>> Último acesso em 12 MAIO 2022

Instituto Humanitas Unisinos. Estamos vivendo em tempos extremamente perigosos. Entrevista com Donna Haraway. Disponível em <<https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/593253-estamos-vivendo-tempos-extremamente-perigosos-entrevista-com-donna-haraway>> Último acesso em 12 MAIO 2022

LATOUR, B. *Cogitamus: seis cartas sobre as humanidades científicas*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. Editora 34. Rio de Janeiro, 2016.

LATOUR, B. *Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência*. In: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (Orgs.) *Objetos impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de uma antropologia simétrica*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1999.

LATOUR, B. *Reagregando o social*. Uma introdução à Teoria Ator Rede. Salvador: EDUFPA, 2012.

LAW, J.; URRY, J. *Enacting the social*. Disponível em: <<http://www.lancs.ac.uk/fass/sociology/papers/law-urry-enacting-the-social.pdf>> Último acesso em 12 MAIO 2022

LAW, J.; MOL, A. *Notes on Materiality and Sociality*. *The Sociological Review*, 43: 274-294, 1995

LEÃO, R. *Tudo nela brilha e queima*. São Paulo, Planeta Brasil, 2017.

LHULLIER, L.(organizadora) *Quem é a Psicóloga brasileira?* Mulher, Psicologia e Trabalho / Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2013.

MARTIN, D.; SPINK, M. J.; PEREIRA, P. P. G. *Corpos múltiplos, ontologias políticas e a lógica do cuidado: uma entrevista com Annemarie Mol.* Interface (Botucatu), Botucatu , v. 22, n. 64, p. 295-305, Mar. 2018 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832018000100295&lng=en&nrm=iso>. Último acesso: 28 Dezembro 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622017.0171>.

MENDONCA, P. *Materialidade e sociedade: tendências sociotécnicas em tecnologias móveis.* Sci. stud., São Paulo, v. 13, n. 4, p. 929-947, Dec. 2015 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662015000400929&lng=en&nrm=iso>. Último acesso em 28 Dezembro 2020. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662015000400009>.

Ministério do trabalho e emprego. Disponível em <<http://consulta.mte.gov.br/empregador/cbo/procuracbo/conteudo/tabela3.asp?gg=0&sg=7&gb=4>> Último acesso em 12 MAIO 2022.

MOL, A. *The body multiple: ontology in medical practice.* Durham: Duke University Press, 2002.

MOL, A. *The logic of care: health and the problem if patient choice.* London: Routledge, 2008.

MONTEIRO, M. *Reconsiderando a etnografia da ciência e da tecnologia: tecnociência na prática.* Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo , v. 27, n. 79, p. 139-151, June 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092012000200009&lng=en&nrm=iso>. Último acesso em 29 Dezembro 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000200009>

MORAES, M.; Arendt, R. *Contribuições das investigações de Annemarie Mol para a Psicologia Social.* Psicologia em Estudo, vol. 18, núm. 2, abril-junio, pp. 313-322 Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Brasil, 2013.

MORAES, M. *PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual.* In Moraes, M. e Kastrup, V. (orgs.). O exercício de ver e não ver. Arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: Nau, p. 26-51, 2010.

Mundo educação. *O cruzeiro do Sul.* Disponível em <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/o-cruzeiro-sul.htm>> Último acesso em: 12 Maio 2022

OIT - ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Agenda Nacional do Trabalho Decente. Brasília, 2006.

PEDRO, R. *O Mínimo Homem: reflexões sobre os processos de subjetivação na sociedade tecnológica*. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2003, Campinas. ANAIS DO XI CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, v. 1. p. 01-23, 2001.

PEDRO, R. *Redes e controvérsias: ferramentas para uma cartografia da dinâmica psicossocial*. In: VKK ESOCITE – Jornadas Latino-Americanas de Estudos Sociais das Ciências e das Tecnologias. Anais do VII ESOCITE. Rio de Janeiro, 2008.

POLSTER, E. *Gestalt-terapia integrada*. São Paulo: Summus, 2001.

PRESTRELO, E. *Histórias que (nos) contam: o encantamento dos dias de uma "vida vivida"*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia, 2017.

QUADROS, L. *A construção artesanal do fazer clínico na psicologia: percursos, fios e desafios de tornar-se terapeuta*. 1. ed. - Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

QUADROS, L.; MORAES, M. Editorial: O PesquisarCOM e o feminino na ciência. Parte I- Polifonia de uma experiência no ESOCITE. Pesquisas e Práticas Psicossociais. São João del Rei, v. 11, 1, p.4-7, jan.- jun. de 2016.

QUADROS, L. *Uma trama tecida com muitos fios: o pesquisar como processo artesanal na Teoria Ator-Rede*. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 15, n. spe, p. 1181-1200, dez. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000400004&lng=pt&nrm=iso>. Último acesso em 02 mar. 2021.

RAPINI, R. *O poema de Maya Angelou inspirado no Pálido ponto azul: e que viajou pelo espaço*. Disponível em <<https://medium.com/@raquelrapini/o-poema-de-maya-angelou-inspirado-no-p%C3%A1lido-ponto-azul-e-que-viajou-pelo-esp%C3%A7o-b7c1e94c6260>> Último acesso em 12 MAIO 2022.

RHEINGANTZ, P.; PEDRO, R. (orgs.). *Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea*. - Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU/PROARQ, 2012.

SAGAN, C. *O pálido ponto azul: uma visão do futuro da humanidade no espaço*. Companhia das Letras, 2019.

SILVA, A. C. *Inventar para conhecer*. Pesquisas e Práticas Psicossociais, São João Del Rei, v.11, n.1, 2016.

STENGERS, I. *Ciência no feminino*. Revista 34 letras, Rio de Janeiro, v. 6, n. 5, p. 427- 431, 1989.

SOUZA, D.; QUADROS, L. *A escrita de cartas como aposta teórica, metodológica e política no fazer pesquisa em psicologia social*. In: Pensar, fazer e escrever: o PesquisarCom como política de pesquisa em psicologia. Laura Cristina de Toledo Quadros, Márcia Oliveira Moraes e Irme Salete Bonamigo (Orgs.) – Chapecó, SC: Argos, 2019.

TSALLIS, A. *Palhaços: uma possível reflexão para a Gestalt Terapia*. In: Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia, v.9, n.1, p.139-151. Rio de Janeiro, 2009.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Wikipédia, a enciclopédia livre. O pálido ponto azul. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1lido_Ponto_Azul> Último acesso em 12 MAIO 2022